



32^o

Caderno de
Literatura



32º

Caderno de
Literatura



criar
pensar
significar

prefácio

O Caderno de Literatura da Ajuris chega à sua 32^a edição, tradicionalmente trazendo reflexões de magistrados e convidados sobre situações cotidianas e da própria atuação judicial, com lirismo e poesia.

Nesta edição, apresentamos, ainda, as três redações premiadas no Prêmio Ajuris de Redação, que teve sua primeira edição em 2022 e que muito orgulho deu à nossa associação. Os alunos foram chamados a escrever sobre “Onde está a Justiça em sua vida” e as respostas surpreenderam pela maturidade, clareza e conhecimento.

Além disso, temos, mais uma vez, a honra de apresentar um texto inédito do imortal da Academia Brasileira de Letras, Carlos Nejar, que abrilhanta nossa obra com seu talento incomparável.

Portanto, o 32^o Caderno de Literatura da Ajuris cumpre o propósito do Departamento Cultural de aproximar os associados das manifestações culturais, convidando-os a também produzi-las; dialogar com a sociedade; e conectar a magistratura gaúcha com as diversas formas de expressar a humanidade.

Boa leitura!

Cláudio Luís Martinewski

Presidente da AJURIS

Daniel Neves Pereira

Vice-Presidente Cultural da AJURIS

Samyra Remzetti Bernardi

Diretora do Departamento Cultural da AJURIS

Ícaro Carvalho de Bem Osorio

Diretor do Departamento Cultural da AJURIS

sumário

- 1** O relógio na parede
ADAIR PHILIPSEN
PG 10
- 2** Uma história de volta pra casa
AFIF SIMÕES NETO
PG 14
- 3** Entrevista com um extraterrestre
BRENO BRASIL CUERVO
PG 20
- 4** Encruzilhar-se
CAMILA DALL'AGNOL
PG 30
- 5** Nas altas torres
CARLOS NEJAR
PG 32
- 6** És o sol
CARLOS SALDANHA
LEGENBRE
PG 36
- 7** O mergulho
CARMEN LUIZA
ROSA CONSTANTE
PG 38
- 8** Recriando sentidos
CLAUDETE MORSCH
PEREIRA SOARES
PG 42
- 9** Ode à Fernando Pessoa
EDITH S P
NEPOMUCENO
PG 46
- 10** Madalena
EDUARDO WETZEL
BARBOSA
PG 50
- 11** Nuvens se aproximando
FERNANDA CALEFFI
BARBETTA
PG 54
- 12** Ostentação e riqueza
FLÁVIA LOPES
DA SILVEIRA
PG 60
- 13** Barquinho de papel
GENACÉIA DA
SILVA ALBERTON
PG 64
- 14** Uivei para a aurora boreal
ICARO CARVALHO
DE BEM OSÓRIO
PG 68
- 15** Na horta
IRACI JOSÉ MARIN
PG 74
- 16** Um casarão no pampa
JOSÉ CARLOS
TEIXEIRA GIORGIS
PG 78
- 17** Safras medianas
JOSÉ NEDEL
PG 82
- 18** A longa espera
JOSIANE CALEFFI
ESTIVALET
PG 84

19 Injustiça,
uma corrente
persistente
JULIANA BEATRIZ
PG 92

20 Justiça,
uma semente
LUCAS FLORES BORIN
PG 96

21 O antigo fórum
de Passo Fundo
LUIZ JUAREZ NOGUEIRA
DE AZEVEDO
PG 100

22 A virtude do egoísmo
em Ayn Rand
MARTA LEIRIA
PG 104

23 Consciências
em vivências
MIGUEL ANTONIO
JUCHEM
PG 110

24 O anel do
pescador
MOACIR HAESER
PG 114

25 O mais
recôndito lugar
NEI PIRES
MITIDIERO
PG 118

26 Panapaná
NELSON NEWLANDS
CARNEIRO
PG 124

27 Tucídides, a pagacela e
as goleiras de taquara
da minha infância
NEWTON FABRÍCIO
PG 130

28 O chamado
à justiça
NICOLAS EDUARDO
PG 140

29 Molinhas
OSMAR DE AGUIAR
PACHECO
PG 144

30 Iniquidade
PEDRO ALFARO
PG 148

31 O sapato
vermelho
SUZEL REGINE NEVES
DE MESQUITA
PG 150

32 Quero ser
juíza
THIAGO
TRISTÃO LIMA
PG 154

33 Retorno à cidade
de Cruz Alta
UDA ROBERTA
DOEDERLEIN SCHWARTZ
PG 158

34 Meu colega ministro
Sanseverino
VASCO DELLA
GIUSTINA
PG 160

35 O keko
WILSON RODYCZ
PG 164

1

o relógio na parede

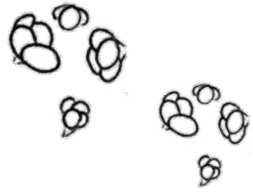
ADAIR PHILIPPSEN

A pane da luz elétrica provocou a escuridão e alargou a quietude, entrecortada pelo ressoar de relâmpagos e pelo embate ritmado de chuva nas vidraças das janelas.

Superado o relativo sucesso das publicações de crônicas e poemas, Pierre precisava concluir a tarefa de revisão de seu romance de estreia; esgotara-se o prazo de entrega dos originais. Faltava-lhe inspiração, que tentava superar no apartamento do quinto andar próximo à orla, durante a reclusão projetada para o período pós-veraneio.

A escuridão completa frustrara a sua tática, agravada ainda pelo exaurimento da carga da bateria do notebook. **Apenas a claridade momentânea de raios amainava a escuridão.** E o efeito lúgubre do ambiente Pierre buscava atenuar à base de sorvos reiterados de uísque no aguardo do retorno da energia elétrica.

Batidas na porta afugentaram a calma, minutos antes interrompida por onze badaladas do relógio de parede. Entorna o copo e se encaminha para atender à porta. Ao abri-la, a lanterna do celular permite-lhe identificar à sua frente um homem magro, rosto enorme, pálido, olheiras acentuadas, e que, de bate-pronto, anunciou:



Apenas a claridade

momentânea de

raios amainava a

escuridão.

— Desculpe a hora, mas sou o proprietário deste prédio, estou de passagem pela cidade e vim cobrar o aluguel.

— Deve haver algum engano, pois antecipei o pagamento para a imobiliária.

O estranho nada respondeu, limitou-se a estender a mão gélida em despedida:

— Voltarei amanhã para receber o dinheiro que me pertence e a mais ninguém. E não envolva meus filhos nesse negócio!...

“O que o pessoal da imobiliária me aprontou? Como poderiam fazer isso comigo?”, indagava-se Pierre.

“Passei em claro a noite escura!”, repetia de si para si pela manhã.

Depois, no contato com a imobiliária, o sobressalto: o dono do apartamento falecera em acidente havia mais de três anos.

Dali por diante, a libação manteve o escritor em vigília e ruminando o transcurso do tempo, à espera infindável do avanço das horas, mesclado à expectativa sobre a anunciada visita da noite anterior.

Com a proximidade da madrugada, o toque da campainha tirou Pierre, em sobressalto, de seus devaneios. Ainda estremeceu e quase gelou ao flagrar a maçaneta da porta sendo forçada. Encaminhou-se até ela com o coração em ritmo alucinante. Antes de escancará-la, chamou-lhe a atenção a estranha inércia do pêndulo do relógio na parede.

ADAIR PHILIPPSEN

Magistrado jubilado, prefeito reeleito de Santo Cristo, RS.



2

uma história de volta pra **casa**

AFIF SIMÕES NETO

O meu pai, Giuseppe, estava separado da mamma, Antonella, desde aquele inverno nevoso de 2006. Hoje, saber quem errou mais ou perdoou menos é algo totalmente insignificante e não conta pra nada. Se o varão saiu de casa por conta própria ou foi “convidado” pelos filhos a se retirar, tanto faz como tanto fez na atual conjuntura das indiferenças sentimentais. A octogenária com Alzheimer bem avançado é surpreendida com o retorno do ex-marido, vitimado por um AVC, e que não tem como seguir morando sozinho. Ela o achou muito velho e doente. Com a parte minimamente consciente que ainda lhe resta do cérebro, mostra-se assustada, pois não conseguirá cuidar dele sozinha. Acredita que ainda tem essa obrigação moral, pois Giuseppe é o pai dos seus filhos, sem contar que foram mais de quatro décadas de um convívio que o tempo foi incapaz de apagar dos calendários da memória.



Havia naquele homem judiado pelo sol

inclemente das videiras uma mistura

de orgulho e vergonha

a ser superada [...]

16

Alguém da vizinhança disse à minha mãe, de fonte segura, que Giuseppe arranjava outra mulher, e isso até que seria um impeditivo para que voltasse à casa que um dia também foi dele, mas ela aprendeu que o perdão ensinado nas missas dominicais lá no distrito de Santa Justina foi feito para se usar sem qualquer parcimônia.

De sua parte, ele não queria ter saído da nossa casa, mas também agora não gostaria de voltar. Já estava acostumado com a vida de outro jeito na mansarda de alvenaria com vista para a praça central. **Havia naquele homem judiado pelo sol inclemente das videiras uma mistura de orgulho e vergonha a ser superada**, mas as condições físicas e econômicas impediam a utilização de outras opções mais dignas. Depois do AVC isquêmico e de uma embolia, com dores pelo corpo e lanhos vindos de uma alma embrutecida pelo rigor das invernias, o regresso era a única alternativa, pois não havia mais como viver sozinho na velha casa. Aos poucos a família foi se acostumando com o novo cenário. Os parentes que sobraram vieram se chegando para as visitas protocolares, com votos um tanto irônicos de muita saúde e vida longa.

17

Acordo no meio da noite e começo

a pensar como será

amanhã [...]

Era perceptível em todos, porém, aquele ar de estranhamento com a inusitada situação, uma reconciliação forçada pelas circunstâncias. Pela velhice adoentada, para ser mais objetivo.

Acordo no meio da noite e começo a pensar como será o amanhã e o depois dos meus pais. Sou o filho mais velho, e talvez por isso incrimino-me por não ter em relação

a eles um gesto mais efetivo de aproximação, ainda que more longe. Mas prometo para mim mesmo que continuarei tentando decifrar o silêncio dos olhares agora distantes e vazios de Giuseppe e Antonella.

E quando a noite chegar para sempre, irei repartir com as minhas filhas e o neto aquele tempo em que a gente amava até o que não tinha, e acreditar que a saudade será a forma mais humana da nossa história voltar para casa.

AFIF SIMÕES NETO

É juiz de direito em Porto Alegre. Tem 4 obras publicadas: Em Nome do Pai, O Cofre, Um pequeno rio não corre para o mar e Causos, acontecidos e outros quejandos.

3

entrevista com um **extraterrestre**

BRENO BRASIL CUERVO

E foi assim, sem mais nem menos, que aquele memorável dia chegou, inimaginável para alguns. Representantes de uma determinada raça alienígena, cerca de um milhão de anos terrestres mais adiantada que a raça humana, aterrissaram em solo planetário – o local de pouso da nave mãe, imensa, foi o deserto de Mojave, na Califórnia. Houve um certo pânico a princípio – se bem que alguns, em geral pertencentes a grupos *New Age*, se mostrassem eufóricos, celebrando o evento em estado de êxtase e sofreguidão mística.

Feitos os contatos iniciais com autoridades governamentais e militares, à medida em que foi ficando claro que os visitantes do espaço aqui estavam em missão de paz e colaboração, os ânimos começaram, em termos, a serenar (exceto os da minoria aquela), persistindo apenas um certo ar geral de deslumbramento, que a mídia, fervilhante, traduziu em todo tipo de especulações e teorias, alimentadas por entrevistas e debates entre ufólogos e especialistas das mais variadas áreas.

Finalmente, divulgou-se a informação que todos aguardavam e já corria inclusive à boca miúda: o comandante em chefe da missão alienígena concederia uma entrevista coletiva à imprensa. No dia e hora designados, após breve saudação do entrevistado aos presentes e considerações básicas sobre a

Onde vocês estavam até agora?

Por que demoraram tanto

a se revelar?

origem e a natureza de sua civilização, deu-se início à entrevista propriamente dita:

- Onde vocês estavam até agora? Por que demoraram tanto a se revelar? Existem outras civilizações no Universo?

- Primeiro: não existe apenas um Universo, mas vários. Portanto, o correto seria falar em Multiverso, como alguns de vocês já fazem. Segundo: existem também inúmeras civilizações, de todos os tipos, de modo que a existência de vida é a regra no Multiverso e não a exceção. Imaginar que só seu planeta poderia abrigar vida inteligente na vasta imensidão do Cosmos – vasta e inimaginável para a maioria de vocês – não faz sentido algum nesse contexto. De resto, sua pergunta está baseada em premissa equivocada. Nós sempre estivemos

por aí... Nós e outras tantas civilizações extraterrestres, nem todas, é verdade, bem intencionadas, o que, aliás, há muito é do conhecimento de vários de seus governos. A razão de termos nos mostrado abertamente agora, mais uma vez, é complexa demais para ser explicada em uma entrevista.

- Como assim “mais uma vez”?

- Posso lhes assegurar que estivemos presentes inclusive na Antiguidade de sua história, quero dizer, abertamente, como agora. Há sinais e pistas disso por todo o globo terrestre, pelo menos para quem não limita sua percepção por condicionamentos e preconceitos. Nesse sentido, a teoria dos antigos astronautas corporificada na pergunta-título de uma conhecida obra de sua literatura, “Eram os Deuses Astronautas?”, representa a expressão da mais pura verdade. O que ocorre é que, nesse e em outros assuntos considerados estratégicos aos interesses de um determinado grupo dominante em seu planeta, sempre houve controle e manipulação da informação.

Seguiram-se mais perguntas a respeito das bombásticas revelações trazidas pelo visitante, até que alguém, surpreendentemente, resolveu mudar o rumo da prosa, digo, da entrevista.

- Você acredita em Deus?

Você acredita no Sol?

Na sua respiração?

E nas suas células?

- Eu sou o que o conhecimento ancestral de seu planeta denomina de uma “alma velha”. Nada de mais. Alguns de vocês também o são. Uma alma velha é alguém que já viveu e teve muito mais experiências do que pode conceber a mente aferrada ao dogma materialista. Consequentemente, há muito que minha civilização já passou da fase de acreditar em Deus ou como quer que você chame a assombrosa inteligência atuante no Cosmos e no chamado mundo natural. Nós olhamos e a vemos em todo lugar. No macro e no microcosmos. Então, talvez, fosse o caso de lhe devolver a pergunta: **Você acredita no Sol? Na sua respiração? E nas suas células?**

- Hum... O que você quer dizer exatamente com “dogma materialista?”

- O que é um dogma para vocês? Um dogma é algo em que lhes disseram que vocês deviam acreditar sem qualquer questionamento. E vocês, por alguma razão que certamente lhes convinha, “compraram” essa narrativa. Como regra, ele encontra terreno mais fértil nas religiões, mas a sua ciência não está imune ao fenômeno. É o que ocorre atualmente com o chamado “materialismo científico”, isto é, a ideia de que só existe matéria como fonte de causação, mesmo com todos os indícios decorrentes, especialmente, mas não só, de sua física de vanguarda de que deve haver algo de muito errado com esse tipo de concepção da realidade. Na verdade, o problema de operar com um paradigma insuficiente é que frequentemente você não enxerga o que está embaixo de seu nariz, apenas por acreditar que aquilo não é possível. Veja que isso independe de capacidade intelectual. É mais uma questão fisiológica: a sua mente só vê o que o paradigma em que ela atua permite e ponto final.

- Como explicar o caos do mundo – nosso mundo – se, como você diz, há uma assombrosa inteligência atuando em todo o lugar?

- A resposta curta a essa pergunta fundamental é que esse extraordinário Campo de Consciência Universal não é

[...] é que esse extraordinário Campo de

Consciência Universal não é

apenas assombrosamente

inteligente, mas também

assombrosamente amoroso [...]

apenas assombrosamente inteligente, mas também assombrosamente amoroso, de modo que empresta profundo valor e respeito ao livre arbítrio do ser humano. O que é diferente de isentá-lo das consequências de suas escolhas. Mas que plano pedagógico seria melhor que isso?

- E a resposta longa?

- Temo que a complexidade nela envolvida torne essa questão incompatível com a ocasião (e com o espaço que me foi concedido aqui). Adianto, porém, que ela implica a compreensão básica de que vivemos em um universo holográfico e multidimensional, isto é, muito maior e mais complexo do que supõe o credo materialista. Quero dizer que existem níveis e subníveis de realidades, essas holograficamente projetadas e

progressivamente mais densas. A sua, por exemplo, bastante mais densa do que a nossa, o que explica a dificuldade ou impossibilidade de seus aparelhos detectarem a nossa presença, se assim o quisermos. Daí a afirmação de que matéria nada mais é do que luz – ou energia – coagulada. Einstein, seu cientista mais aclamado e, sem dúvida, uma das tais “almas velhas” entre os seus, expressou essa realidade em sua famosa fórmula “ $E=mc^2$ ”, na qual está implícita a ideia de que massa e energia são apenas duas faces da mesma moeda. Ainda assim, ambas as duas existem em níveis de realidade ainda não detectados diretamente por sua ciência, como mostra emblematicamente o enigma representado pelo que vocês chamam de “matéria escura” e “energia escura”.

- E o caráter holográfico do universo? O que isso quer dizer?

- Um holograma é o resultado de uma projeção simulada da realidade em três dimensões. Uma realidade ilusória, computacionalmente projetada (ou calculada), mediante o controle do padrão de interferência de ondas de luz. Ou seja, não existe por si mesma. Só parece existir. Eis aí, então, o segredo da Vida e da Existência que trazemos amorosamente ao seu mundo, suficiente por si só para colocar sob nova e revolucionária perspectiva essa questão do caos do mundo enfatizada em sua pergunta: aquilo que vocês tanto prezam – ou, conforme o caso, detestam – sua vida, sua identidade, seus negócios, suas relações, suas conquistas, anseios, temores e angústias – o caos do mundo, inclusive, tudo isso,

Depois disso, por segundos que pareceram

minutos, um silêncio avassalador

pairou no ar [...]

de certo modo, não passa de uma espécie de realidade simulada, como em um jogo virtual de escolhas e aprendizado, só que desenvolvido em diversas fases ou etapas. Não é a realidade última ou fundamental. Só parece ser, ainda que assombrosamente convincente. A ilusão de Maya tão enfatizada por suas milenares tradições orientais e intuídas por seus sábios está diretamente ligada a esse fenômeno. O mesmo diga-se em relação à “Alegoria da Caverna”, engenhosa criação mental de seu proeminente filósofo Platão, outro exemplo de alma velha, aliás. Essa ilusão diz respeito não só à existência efetiva e independente de um suposto mundo material (independente de sua própria percepção) como em relação à sua suposta identidade. Assim como o Universo, vocês mesmos, cada um de vocês, são muito maiores e mais complexos do que sua mera expressão material permite deduzir (o seu eu-personalidade, mero avatar ou personagem, com seu CPF, profissão, estado civil, altura, cor dos olhos etc).

A sua realidade é basicamente feita de fluxos de informação geradas pela Mente Universal, e essas informações dão origem a tudo, a cada partícula, a todo campo de força e mesmo ao próprio espaço-tempo. Essa outra realidade fundamental gera o mundo físico que vocês percebem como som e imagem, por exemplo, assim como um aparelho de televisão capta frequências de onda e as transforma em imagens na tela. Mas é uma lei universal que só captamos nas frequências em que somos capazes de vibrar. Daí a conclusão, legítima, de que cada um constrói a realidade de seu próprio holograma, isto é, a sua realidade particular, para o bem e para mal, sem prejuízo das realidades coletivas criadas pelo mesmo processo, nesse caso através do que um luminar de sua ciência psíquica chamou de “inconsciente coletivo”.

Depois disso, por segundos que pareceram minutos, um silêncio avassalador pairou no ar, levando vários dos presentes a experimentarem um estado inédito de consciência realizadora e de bem aventurança. Estava ali estabelecido um extraordinário marco civilizatório que mudaria para sempre a história e os destinos da humanidade.

BRENO BRASIL CUERVO

Juiz de Direito Aposentado,
escrivinhador, ativista quântico

4

encruzilhar-se

CAMILA DALL'AGNOL

Deixa-me te dizer apenas isto:
Sim, é preciso alterar o caminho.
Claro que é possível renovar,
Desviar da linha.

Se a encruzilhada ali está,
Se existe algo diante de ti
Que não uma imensidão reta,
Mas uma cruz enviesando a passagem,

Faz a curva,
E vem para mim.
Eu te alinho
Ou te tiro da rota de vez.

CAMILA DALL'AGNOL

Licenciada e bacharelada em
Educação Física. Instrutora de
Pilates. Bacharelada em Direito.

5

MANUSCRITO

nas Altas

Torres

CARLOS NEJAR

Nas altas Torres do corpo
Todos os lares cantavam.
Eu quis ficar mais um pouco
como se um campo de potros
esportasse a madrugada.

Eu quis ficar mais um pouco
e o teu corpo e o meu tocavam
inquietações, amíbulas,
montes, números, datas.

Nas altas Torres do corpo
eu quis ficar mais um pouco
e o silêncio não deixava.
Conjuguemos mãos e peitos
no mesmo leito, trançados,
eis que surgiu outro peito,
o do tempo atressado.

Eu quis ficar mais um pouco

e o teu corpo se iniciava

na liturgia do vento

34

Eu quis ficar mais um pouco
e o teu corpo se iniciava
na liturgia do vento,
lenta e veloz como enxada.
Era a semente batendo,
era a estrela debulhada.

Nas altas torres do corpo,
quis ficar. Amanhecia.
Todos os pombos voavam
das altas torres do corpo.
As horas resplandeciam.



Nas altas torres do corpo
todas as horas cantavam.
Eu quis ficar mais um pouco
como se um campo de potros
espantasse a madrugada.

Eu quis ficar mais um pouco
e o teu corpo e o meu tocavam
inquietações, caminhos,
noites, números, datas.

Nas altas torres do corpo
eu quis ficar mais um pouco
e o silêncio não deixava.
Conjugámos mãos e peitos
no mesmo leito, trançados;
eis que surgiu outro peito,
o do tempo atravessado.

Eu quis ficar mais um pouco
e o teu corpo se iniciava
na liturgia do vento,
lenta e veloz como enxada.
Era a semente batendo,
era a estrela debulhada.

Nas altas torres do corpo,
quis ficar. Amanhecia.
Todos os pombos voavam
das altas torres do corpo.
As horas resplandeciam.

35

CARLOS NEJAR

Poeta, ficcionista e ensaísta,
atual Patrono da Feira do
Livro de Porto Alegre,
membro da Academia
Brasileira de Filosofia.

6

és o sol*

CARLOS SALDANHA LEGENDRE

És a inocente flor impronunciada
que balbuciou na encosta dos abismos
e comandou a sístole dos sismos,
pois és o sol ao ser a minha Amada.

Mais que desejo, és sempre a irrelmada
luz que teve no orvalho o seu batismo.
Amar-te, assim, com tal paroxismo
é beber o esplendor das alvoradas.

Tanto querendo, por inteiro, dar-me,
embora não sabendo o quanto queres,
meu sangue rompe o lacre dos alarmes.

Em teus silêncios pulse e reverbere
o canto que compus ao entregar-me.
Sou o quanto és e o que de mim fizeres.

**“Para não dizer que não falei de amores”*

**CARLOS
SALDANHA
LEGENRE**

Poeta, escritor,
desembargador inativo
e membro da Academia
Brasileira de Filosofia.

7

o mergulho

CARMEN LUIZA ROSA CONSTANTE

A cortina de veludo vermelho do Teatro São Pedro se abre.

No centro da cena, encontra-se somente a mãe de família Shirley Valentine.

Ela começa o monólogo sob o olhar admirado do público.

O teatro lotado escuta a mulher de meia-idade falar da indiferença de seus filhos, agora adultos, e do mau-humor de seu marido, enquanto ela remexe as caçarolas sobre o fogão.

Shirley lembra do passado, de como era feliz, de seus sonhos e projetos para a vida. Ela era audaciosa e não tinha medo de nada. E, em se recordando o que passou, Shirley não se reconhece mais, o casamento simplesmente a despersonalizou.

Neste momento preciso da peça, eu fui Shirley Valentine.

A emoção foi tanta

que, naquele

instante, eu me

decidi: mergulhei

dentro da

vida!

Lembrei-me que tinha meus sonhos e projetos também, mas que se esvaíram durante os anos de casamento. Foram abafados e enterrados vivos por uma rotina interminável.

Depois de um tempo, eu não queria mais nada e não sabia mais quem eu era, apenas sabia o que eles queriam que eu fizesse para o jantar.

Naquela noite, após muita insistência, fui ao teatro para acompanhar uma amiga.

— Você precisa sair, disse-me ela.

No entanto, no hall de entrada, ante a imponência do teatro, hesitei e tentei me lembrar quem eu realmente era, mas apenas vestígios me vieram a mente.

A peça se desenrolava e vida da personagem deu uma reviravolta com uma repentina viagem a Grécia, um lugar que Shirley havia sonhado e que lhe ofereceu surpresas e oportunidades inesperadas, que ela aproveitou para dar um novo sentido a sua vida, repleta de felicidade e amor-próprio.

Estremeci no momento em que Shirley mergulhou no mar azul da Grécia, após seu marido ter suplicado por seu retorno à casa da família.

A emoção foi tanta que, naquele instante, eu também me decidi: mergulhei na vida!

CARMEN LUIZA ROSA CONSTANTE

Juíza de Direito atuante na 2ª Vara cível de Lajeado, graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica/RS, Especialista em Direito Ambiental pela UFRGS, Mestre em Direito pela Universidade de Santa Cruz do Sul/RS.

8

recriando

sentidos

CLAUDETE MORSCH PEREIRA SOARES

Bradam os sinos
no céu esculpido,
entoados por um vento morno e exibido,
levantando poeira astral, folhas e segredos
pelas encostas do paraíso.

Brada a vida
em olhares plasmados,
no redemoinho poético do tempo,
enlaçando flores e aromáticos arpejos.

**Açucarara os dias com olorosas quietudes,
ressignificando o caminhar
e o pranto.**

44

Bradam os corações
apaixonados
no doce mel da aventura,
nas tessituras afogueadas dos
encontros
em que as horas se recolhem
inibidas
e corpos comungam cheiros
e ousadias.

Bradam os sonhos viçosos,
desatados das alcovas tristes,
em livres voos pelos
horizontes
chamuscados de felicidade.

Brada o amor em seu dourado manto,
para afastar das almas os desencantos.

**Açucara os dias com olorosas quietudes,
ressignificando o caminhar e o pranto.**

Bradam em nós pungentes desejos
de desembarcar no ventre de um novo porvir,
romper as comportas que atravancam a alegria,
deixar aflorar a incandescência do querer,
recriar, em sereno canto,
o sentido aconchegante do viver.

45

CLAUDETE MORSCH PEREIRA SOARES

É advogada, psicóloga e escritora. Autora dos livros de poesia "Fazendo amor com o universo em versos", "Anzóis do tempo", "Silêncio! O amor está florindo" e "Esqueceste em mim o teu cheiro". Tem participação em várias coletâneas e antologias poéticas, nacionais e internacionais. Instagram: @escritora_claudete_morsch.

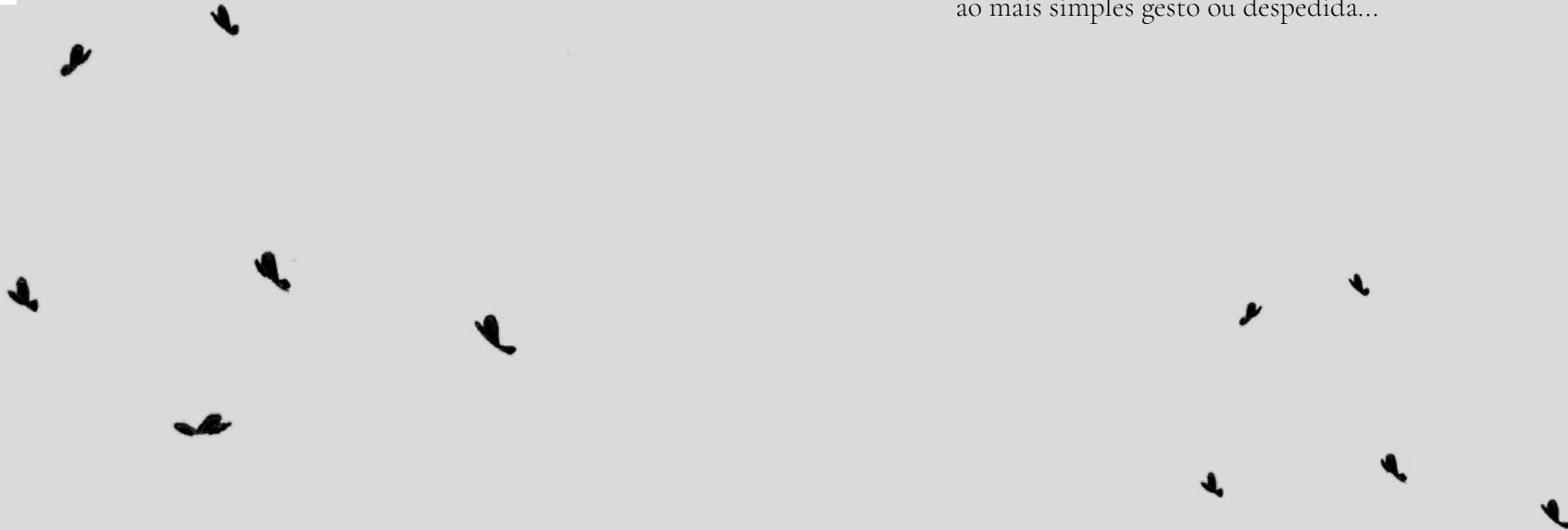


ode à

Fernando Pessoa

EDITH S P NEPOMUCENO

Por vezes minh'alma transcende
ao coração e quer sair do peito,
forte e resistente aos males do destino,
mas, concomitante, frágil e desfeita
ao mais simples gesto ou despedida...





Paulatinamente os

pensamentos

desalinho...

Assim deixo junto a mim a
poesia

e as lágrimas contendo

com mágoa inexplicável e
incontida,

procurando entender a
mensagem escrita

e a palavra não dita...

(em posição fetal me aninho

e assim Morfeu me cobre

com seu suave manto...)

Paulatinamente os pensamentos desalinho...

Mas o inconsciente liberado pelo sonho

faz reviver a imagem idealizada

e o momento de encanto...

“Dá-me mais vinho porque a vida é nada!”*

(*Fernando Pessoa – “Há doenças piores que as doenças”)

EDITH S P NEPOMUCENO

Natural de Sananduva/RS, graduada na UPF/RS, mestra na PUC/RS; atuou como professora universitária e é juíza aposentada. Atualmente é Instrutora de Mediação, além de Mediadora pelo TJRS e da Associação Desatando Nós e Criando Laços; escreve poesias desde a adolescência.

10

Madalena

EDUARDO WETZEL BARBOSA

Foi nos primeiros anos de veraneio, logo após a construção do chalé, que ela apareceu. Falou com minha esposa, oferecendo-se para trabalhar na limpeza, na arrumação e na roupa que tivéssemos para lavar. Apresentou-se com a denominação de “Madalena”.

Mantinha traços que atestavam seus encantos

pretéritos. Disse que estava morando na praia e precisava de serviço. E, logo em seguida, revelou sua vida: “É melhor vocês ficarem sabendo por mim do que pelos outros”.

Era proveniente de uma cidade da Serra. Trabalhara muito tempo em bordéis, como dançarina. Quando conheceu seu companheiro, ele prestava serviços nas boates como porteiro. Enrabiado, ele lhe fez uma proposta para deixar aquela vida e ir para sua cidade natal. Assim, resolveram recomeçar juntos, repensando mudanças de atitude. Vieram os filhos. Ela nunca mais se envolveu com a atividade anterior e ele, que tinha o vício da bebida, decidiu não mais voltar para o álcool. Passou a frequentar os alcoólicos anônimos.

Mantinha traços que

atestavam seus

encantos

pretéritos.

Naquela cidade, ninguém queria empregá-la, por causa de seu passado. E começaram a destratar ele também. Por isso, os dois vieram de muda para a praia. Tinham quatro filhos. Precisava que alguém acreditasse nela e lhe desse serviço, para ganhar a confiança de outras pessoas. Ao final, indagou: “A senhora não se importa? Aceita meu trabalho”? Nossa resposta: “Sim, nós nos importamos com tua história e, por isso, queremos que trabalhes conosco”.

Desde então, passou a fazer faxinas em nossa casa, em todos os verões, e durante o ano fazia zeladoria. E ela tinha razão: depois que a admitimos, muitas pessoas a contrataram para serviços idênticos. Chegou a ter quase cinquenta casas

para cuidar e limpar durante o ano. O marido achou demais e ela diminuiu, conservando alguns veranistas. Ele passou a trabalhar em construções. Embora tivesse mínima escolaridade, possuía aptidões nessa área e atinava até desenhar esboços de plantas baixas. Construiu um bom número de casas na praia, virando pequeno empresário. Tornou-se o “João do prego”.

Para as famílias de sua preferência, Madalena até preparava refeições. Aprendeu a cozinhar com os “gringos”, temperos da “nona”, como dizia. Felizmente, estávamos entre esses que ela gostava de agradar e manifestava gratidão. Sua especialidade eram as massas. Tinha uma receita de molho vermelho irresistível e o macarrão era feito à mão, massa caseira.

Nos fins de semana de verão, Madalena e João abriam seu pequeno bar praiano e davam um banho de romantismo e sensualidade aos veranistas, flutuando na pista de dança, na cadência de sambas, tangos e boleros de raiz. Dava gosto de ver. Impossível não aplaudir e, em seguida, não aceitar seu convite para bailar, até a madrugada chegar, bordando o céu de estrelas.

EDUARDO WETZEL BARBOSA

Procurador de justiça jubilado, dedicado à literatura, autor do romance “Belladonna, a droga da paixão”, (Ed. Movimento).

11

nuvens se **aproximando**

FERNANDA CALEFFI BARBETTA

Doença de Parkinson, o doutor Savério disse, batia a ponta da caneta na mesa, tec tec tec, perguntei, ele tem mal de Parkinson?, parou a caneta apontando para o meu pai, melhor chamarmos de doença, mas aquilo não amenizou em nada o que veio em seguida: é degenerativa, não tem cura.

Espichando bem o corpo para a esquerda dá para ver uma palmeira, um pedaço de areia e um tequinho de mar, tem que ficar na ponta do pé e arregalar os olhos. Daqui até a praia tem três outros hotéis, o primeiro, lá na beira, é o Le Bateau, uma fortuna, separaram uma faixa enorme de areia, espetaram guarda-sóis azuis e enfileiraram cadeiras reclináveis, servem isca de peixe, espumante e o que mais o hóspede pagar para levarem na bandeja. A Loreta queria ficar lá, nesse não dá, amor, não somos ricos ainda, frisei bem, ainda.

Meu pai, um homem

grande, parece

que já deu

uma

encolhidinha.

Se bem que com o tratamento do pai vai ser bem mais difícil enriquecer, deve ser caro tratar uma doença degenerativa, e, mesmo que não tenha cura, a gente tem que ir fingindo que trata, dopamina, o médico disse, é o medicamento que vai garantir mais qualidade de vida, retardar os sintomas, acho que é para dopar o paciente e ele não perceber o corpo se degenerando.

Meu pai, um homem grande, parece que já deu uma encolhidinha.

Os prédios não cobrem o céu todo, dá para ver um pedaço, parece bonito, azul, sem nuvens, mas li na revista de viagem (que a Loreta comprou ainda antes das passagens) que de uma hora para outra o sol se recolhe,

as nuvens se avolumam e o céu desaba. Foi ela quem sugeriu, vamos fazer uma viagemzinha antes do seu pai dar mais problema e a gente ficar sem tempo para nada. Logo de cara fui contra, primeiro pelo dinheiro, viagem marcada assim em cima da hora é mais cara, depois fiquei com receio de acharem que estamos comemorando a doença do velho. A Loreta é bem convincente às vezes, vamos nos arrepender quando nossa vida virar um inferno e você pensar na praia que não pegou.

Segundo o doutor Savério, os problemas serão muitos, a tremedeira vai aumentar, o reflexo vai piorar e a musculatura vai endurecer, por enquanto é uma tremedeira aqui outra ali, mas a degradação é coisa certa.

Já acho que naquele pedacinho do céu
tem uma sombra,
deve ser uma nuvem chegando
pela parte que meus olhos
arregalados não alcançam.

58

Já acho que naquele pedacinho do céu tem uma sombra, deve ser uma nuvem chegando pela parte que meus olhos arregalados não alcançam. A Loreta demora tanto para colocar um maiô e passar um protetor solar que já prevejo uma virada no tempo bem na hora em que chegarmos na praia, e não vai ter guarda-sol para nos abrigarmos porque o Maresias não espetou nenhum naquela faixa de areia que sobrou do Le Bateau.

Crônica, o médico usou essa palavra também, é uma doença crônica, o pai ficou meio pálido, a cabeça caiu mais um pouco, e acho que ele ficou com remorso de ter sido sempre tão calado quando o doutor acrescentou que o Parkinson vai afetar a fala.

Pronto, já vejo a nuvem. Loreta, nem passa mais protetor que vem um pé d'água por aí, vamos ter que nos arrepender da praia que não pegaremos hoje.

59

[...] vamos ter que nos arrepender da
praia que não pegamos hoje.

FERNANDA CALEFFI BARBETTA

Paulistana, jornalista e escritora.



12

ostentação e

riqueza

FLÁVIA LOPES DA SILVEIRA

Durante muitos anos convivi com duas pessoas que tinham posturas bastante diferentes diante da vida. Uma delas valorizava o status, a fama e o dinheiro. A outra, era uma pessoa discreta, simples e humilde. A pessoa que valorizava o status andava de carro importado, fazia muitas viagens, participava frequentemente de eventos sociais e só se relacionava com pessoas que julgava terem um sobrenome ou um cargo importante. Já a pessoa mais simples, andava num carro comum, quase sempre com marcas de sujeira por conta do seu trabalho, era uma pessoa reservada, e escolhia seus amigos sem qualquer tipo de interesse. A pessoa que valorizava o status, gastava dinheiro fruto da exploração de trabalhadores, possuía grandes dívidas e inúmeros processos trabalhistas. Já a pessoa humilde, honrava cada centavo do que devia, vivia de forma modesta, sem extravagâncias e preocupava-se em fazer reservas para o futuro.

**Na vida às vezes é preciso decidir entre ser
rico de verdade ou ser rico aos
olhos dos outros.**

62

Qual destas pessoas você acredita que a sociedade via como uma pessoa rica e bem-sucedida? A pessoa que ostentava um carro importado e fazia muitas viagens ou a pessoa que andava num carro popular para poder estar sempre em dia com suas contas? Eu aprendi muito, mas muito mesmo, tendo a oportunidade de conviver com pessoas tão diferentes entre si. E que, de alguma forma, me mostraram dois jeitos absolutamente distintos de ser no mundo.

Aprendi que não é possível avaliar alguém por aquilo que vemos superficialmente, pois cada pessoa é um oceano. E de fora, vemos apenas uma gota. Aprendi também que o desejo por poder e status corrompe o ser humano. E que ostentação, nem sempre é sinônimo de riqueza. Ostentação está mais ligada ao que os outros pensam de você, do que com aquilo que você é. E riqueza é ser livre financeiramente, independentemente de quanto tenha em sua conta, e independentemente do que os outros pensem. **Na vida às vezes é preciso decidir entre ser rico de verdade ou ser rico aos olhos dos outros.**

63

FLÁVIA LOPES DA SILVEIRA

Possui graduação em Design: projeto de produto pelo Centro Universitário Ritter Dos Reis - Uniritter. Possui Mestrado e Doutorado em Design pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.



13

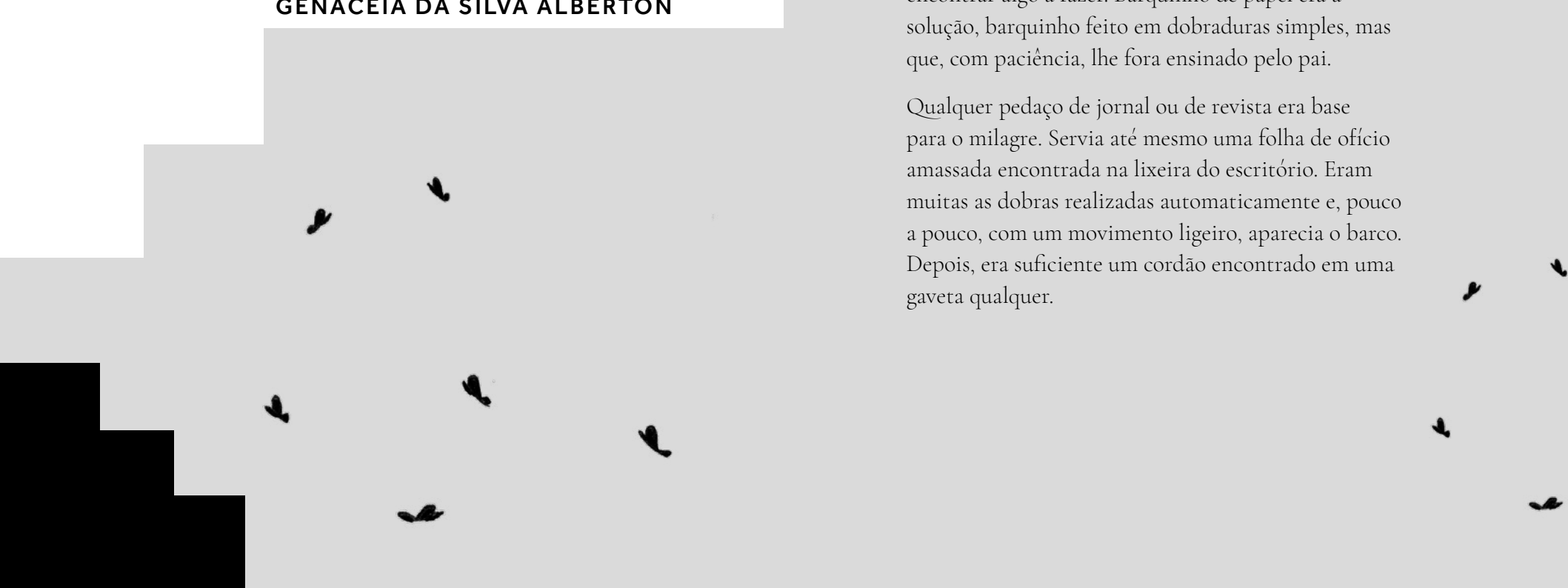
barquinho de papel

GENACÉIA DA SILVA ALBERTON

Um cordão e um barquinho de papel pendurado, tocando nas águas da chuva pelas mãos de uma criança.

O céu era cinza, a chuva leve de outono caía insistentemente e impedia a brincadeira no jardim ou no pomar. Restava permanecer dentro de casa, encontrar algo a fazer. Barquinho de papel era a solução, barquinho feito em dobraduras simples, mas que, com paciência, lhe fora ensinado pelo pai.

Qualquer pedaço de jornal ou de revista era base para o milagre. Servia até mesmo uma folha de ofício amassada encontrada na lixeira do escritório. Eram muitas as dobras realizadas automaticamente e, pouco a pouco, com um movimento ligeiro, aparecia o barco. Depois, era suficiente um cordão encontrado em uma gaveta qualquer.





Era a ingenuidade doce de criança que acreditava que poderia comandar o barco da vida.



Deixar aquele barquinho de papel navegar no riacho que se formava ao lado da casa com a água da chuva era um deleite. Na realidade, a alegria era poder comandar a direção daquele barquinho, que, de vez em quando, trancava nos arbustos ou nos lírios silvestres. **Era a ingenuidade doce de criança que acreditava poder comandar o barco da vida.**

Os lírios se transformaram em obstáculos. Em certos momentos, eles pareceram intransponíveis, precisaram ser contornados ou exigiram paradas obrigatórias até que as águas baixassem.

Contudo, brincar, sorrir com o simples, ainda é preciso, manter a leveza de criança nas intempéries. Cada borrasca traz o encantamento das possibilidades, oferece um sentido ao viver.

Com o passar do tempo, restará apenas o barco de papel, sem cor ou forma, destroçado nas águas do caminho, mas que cumpriu sua magia...

GENACÉIA DA SILVA ALBERTON

Desembargadora aposentada TJRS,
Doutora em Direito, Mestre em Mediação.



uivei para a aurora

boreal

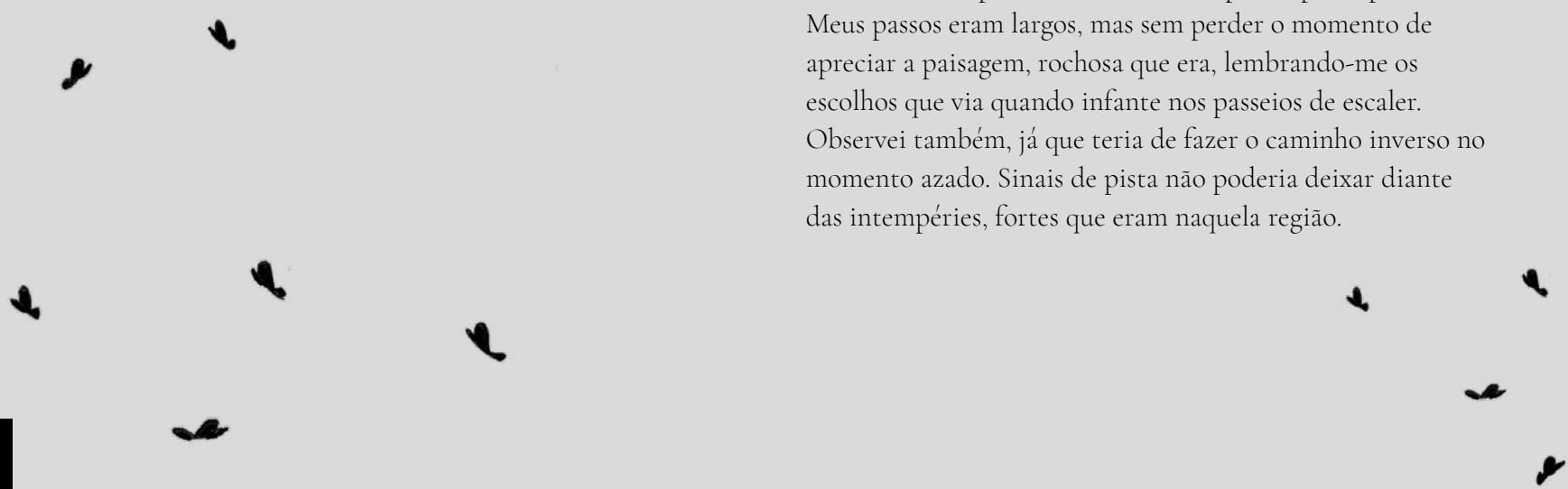
ÍCARO CARVALHO DE BEM OSÓRIO

A encosta era íngreme, mas fui me esgueirando por onde cabiam minhas mãos e pés. Essas partes do meu corpo já não me atendiam como dantes, nem mesmo no quartel de Abrantes.

Segui o rumo do meu coração e do meu instinto, crente de que me levariam não ao infinito e ao além, mas bem próximos dos meus ideais, estes, aliás, bem vívidos e nédios.

O frio me acalenta, sempre fez parte de mim, tem um efeito de bálsamo. Gosto de sentir o ar gélido no meu rosto. Representa aventura, desbravamento. É a sensação de quem está na proa da embarcação à barlavento.

O caminho me pedia cuidado e o tempo me pedia pressa. Meus passos eram largos, mas sem perder o momento de apreciar a paisagem, rochosa que era, lembrando-me os escolhos que via quando infante nos passeios de escaler. Observei também, já que teria de fazer o caminho inverso no momento azado. Sinais de pista não poderia deixar diante das intempéries, fortes que eram naquela região.



[...] o peso da mochila

pressionava

algum lugar da mente

ligado às costas,

no sentido de

pôr em dúvida aquela

jornada, fazendo-a

parecer mais um

desatino.

A cada sequência de passos que dava, já que eu contava de centena em centena, alternando normais com mais ligeiros, lembrava de alguma canção marcante e condizente com o momento. Foram várias e significativas, algumas do tempo em que eu usava orgulhosamente uma flor-de-lis no peito. Estas me reanimavam, não me fazendo sentir a realidade de estar ali só, embora convicto de não precisar de companhia naquela empreitada.

Prestes ao ocaso, bispei um local onde poderia me instalar. Lá fiquei e me organizei. Tudo que eu precisava eu levei. A refeição quente pareceu uma ágape, embora eu nunca tenha sido supimpa nesta arte. Regozijado, deitei e apreciei as estrelas. Infinitas

elas. Senti que alguém de lá também poderia estar me observando, mas achei meio atoleimado. Morfeu veio e me levou, não sem antes pensamentos multífluos povoarem minha mente, o que facilitou a tarefa dele.

Não tão largos eram os meus passos no dia seguinte, mas firmes, embora estivesse, sem saber o porquê, meio mandrião. Mesmo me atrapalhando na contagem dos passos, não descurei da observação do entorno, dado o risco de me deslocar à matroca. O aclave do terreno deu o ar da graça e me fez ficar com as pernas lansas, mas sem o condão de arrefecer o repto que fiz a mim mesmo. Confesso que **o peso da mochila pressionava algum lugar da mente ligado às costas, no sentido de pôr em dúvida aquela jornada, fazendo-a parecer mais um desatino.**

Parei. Descansei. Segui. Convicto estava de que em breve avistaria o que me puxava para aquele extremo norte do planeta. Sabia que não haveria nenhum arauto ao meu aguardo para anunciar minha chegada, tampouco um aedo. Nada disso importava, todavia. Comecei a ficar pressuroso, um pouco arrítmico, querendo chegar. Parei antes de um lançante para aguardar o momento adequado de arrostar o fenômeno para o qual eu havia mourejado. Todos os meus pensamentos vibravam no mesmo diapasão.

**[...] e eu agi como muitos mortais teriam vontade,
numa válvula de escape para todos os
diabos que habitam nossa
mente.**

72

Chegado o momento, levantei, respirei e caminhei até o local geograficamente mais adequado. Estava extasiado e lesto. Não era eu daqueles que se deixava apascentar, muito menos estiolar diante de minhas convicções. Senti nas estranhas uma energia vindo. Foi quando se deu o magnífico, o estupendo, o formidável, aquele fotão luminoso de elétrons provenientes dos ventos solares numa interação perfeita com os elementos da atmosfera terrestre.

Estupefato e quase em transe, iniciei uma logorreia, demorando a me entender, passando a porfiar em altos brados, desimportando qualquer opróbro, já que lá estava tão somente eu e aquele fenômeno da natureza. Para mim era como estar no verdadeiro empíreo, onde tudo era possível, **e eu agi como muitos mortais teriam vontade, numa válvula de escape para todos os diabos que habitam nossa mente.**

É verdade, não minto. Uivei sim, e muito, para a aurora boreal, por que aquele momento era meu, só meu.

73

ÍCARO CARVALHO DE BEM OSÓRIO

Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do RS, Membro Nato do Conselho Deliberativo da Ajuris.



15

na horta

IRACI JOSÉ MARIN

Pegou na minha mão e, firmando na bengala seus passos incertos, me levou até a horta. Tantas vezes me levara pela mão. Eu segurava seu dedo mindinho e íamos estrada afora, eu sem saber para onde, mas confiante em seus passos seguros. Muitas décadas depois fez o mesmo – me levou pela mão e eu o segui.

Soltou-me no meio da sua horta e caminhou por entre os canteiros, a mostrar os maracujás, os temperos, as hortaliças, as roseiras. Verifiquei então que era de variado cultivo. Dizia: Tem mais, tem mais. Me indicava cada broto, cada plantinha, mesmo eu já conhecendo tudo aquilo. Nunca me ocorrera de perguntar sobre as roseiras nos cantos da horta. A resposta foi breve: É como tua mãe fazia. Lembrei-me dela então, cujo voo fora um duro golpe. Parei e cuidei vê-la sorrindo junto a um pé de rosas comuns, carregado de flores vermelhas. Eram as suas prediletas.

Caminhava encurvado, com o boné verde a cobrir a testa branca, de cabelos ralos. Parava a cada pouco, mostrava algo e comentava; depois me olhava como a se certificar de que eu acompanhava a sua explanação. Numa hora, apontou com a bengala o espinafre que se alastrava sobre a terra úmida: Está viçoso. Virou-se pra mim e comentou que ainda

[...] fiz meu relógio se

movimentar

em outro ritmo,

e fiquei com ele

muitas horas,

vários dias.

lembrava dos bolinhos de espinafre que mamãe fazia. Levantou de novo a bengala para indicar a hortelã, a couve-verde e o manjericão. Cada gesto e cada palavra revelavam a sua alegria com o que tinha plantado e colhia, com o fruto de suas mãos. A sua vida se renovava naquela horta, cujos trilhos entre os canteiros de hortaliças conhecia bem.

Percebi que minha visita estava lhe fazendo bem. Gostaria de ficar com ele muitas horas, vários dias. Mas nossos relógios tinham ritmos diversos. Fiz o comentário. Ele não ouviu?

Estávamos sob a ramada do maracujá. Olhou pra cima: Veja quanta fruta, meu filho. Isto é uma maravilha. Era uma maravilha ver tanta

fruta, sentir a aragem gostosa, ver as folhas se movendo levemente. Era mesmo.

Mas eu precisava pegar caminho, ir para os meus compromissos. Falei pra ele e virei as costas. Retornaria em outra oportunidade.

Tinha dado poucos passos quando ouvi um baque surdo e um grito... Me virei rápido. Ele estava estirado sobre os tijolos de um canteiro. Com as roupas e o rosto sujos de terra, olhou-me com ar de tristeza. Não conseguia ajudar-se e demorei pra levantá-lo. Tropecei um pé no outro – disse, meio acabrunhado.

Os paramédicos constataram uma costela fraturada. Adiei os meus compromissos, **fiz meu relógio se movimentar em outro ritmo e fiquei com ele muitas horas, vários dias.**

IRACI JOSÉ MARIN

Reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou contos em diversas revistas, além de obras de ficção. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil.

16

um casarão no pampa

JOSÉ CARLOS TEIXEIRA GIORGIS

Três Cerros fica na fronteira, aproximados 32 graus de latitude e 54 de longitude ao sul e também ao oeste. O nome vem das três elevações parecidas com seios, onde há uma cruz, um córrego e o caminho pelo qual transitavam contrabandistas e revolucionários. Um campo aberto sem marcos ou limites, de um a outro circulam carros de bois, semoventes, patrícios e castelhanos. Do monte mais alto e dia sem nuvens, ao longe se vê um escuro grande como um monstrengo solto, lados do nascente. Vai-se por asfalto que numa dobra vira quilômetros de estrada esburacada e poeirenta, despovoada. Aí o casarão.

Fora um saladeiro, sentia-se o cheiro de sangue e podre à distância. A crise do charque e os frigoríficos sufocaram o prédio, ficou em ruínas, menos o da administração, agora de um órgão público. Passa-se a guarita e o porteiro arrogante. Logo um corredor esguio, insípido. Bicos de luz caem do teto; o ambiente é despojado, devoluto. No meio a escada com degraus de mármore encarquilhado.



Uma caneta esferográfica

e dois lápis coloridos,

um verde e outro

vermelho, este

no solo já perto

da saída,

de ferro,

como jaula.

Um, dois lances, o terceiro.
Uma galeria, onde só
o cobreiro de portas é
novidade. No fim, à direita o
último quarto. Vazio. Nada
impede, basta empurrão de
ombros. As paredes estão
caídas e despidas, menos
um recorte com a foto de um
militar de barbicha.

Deve medir dez passos
de profundidade. Uns
quatro para os lados.
Encostada, a cama. De
madeira e molas fingidas.
Quatro pés, assimétricos,
coberta por um lençol com
manchas mal esfregadas.
O travesseiro, deslocado,
tem sinais de suor seco. A
colcha puída é cinzenta
como as de orfanatos e
quartéis. Está amassada e
pende para fora da cama.

Defronte há um armário, duas portas. Uma com gavetas.
No chão os chinelos e uma camiseta desbotada da seleção
de cinquenta. O armário separa o boxe, que tem uma
pia e espelho arranhado, fosco. O vaso. E o chuveiro de
onde pingam gotas monótonas. No alto a janelinha sem
básculas, por onde invadem as sombras do cipreste e o
gorjeio de uma coruja. Os vidros são foscos, maciços. Ao
lado da cama uma mesa, com três cadeiras, uma delas
revirada e próxima da porta que está entreaberta, com as
dobradiças despegadas. Sobre a mesa há livros, espalhados.
Uma bíblia mórmon, capa azul, sem uso. Um de Proudhon
sobre a propriedade, com trechos assinalados; uma novela
de Dickens sobre um ladrão de cadáveres; uma obra de
Gramsci, rasgada. O manual com frases de Nietzsche está
no chão, as folhas soltas e sinais de sangue. Há um bloco
com folhas despedaçadas. **Uma caneta esferográfica e dois
lápis coloridos, um verde e outro vermelho, este no solo já
perto da saída, de ferro, como jaula.** Quando se abandona o
sítio, pende um odor enjoativo, repugnante.

JOSÉ CARLOS TEIXEIRA GIORGIS

Desembargador aposentado. Diretor do
Memorial do Judiciário. Mestre em direito.
Oficineiro de Luiz Antonio Assis Brasil,
Cíntia Moscovich e Léa Masina. Contos
publicados em antologias e jornais.

17

safras

medianas

JOSÉ NEDEL

O mundo, exuberante em fauna e flora,
Bem me parece um reino relativo.
Foi sempre assim, tal qual ainda é agora:
Mistura o bom e o mau, o inerte e o vivo.

Felicidade, há tempo, não demora
Neste expandido império restritivo.
Assim que assoma, já se vai embora,
Rosto velado, sibilino e esquivo.

Um outro aspecto causa certo agrado:
Presta-se a quem coloca a mão no arado,
Com persistência e não ao deus-dará.

Mas, quanto a safras, ele obtém apenas
Algumas médias, parcas ou pequenas.
Raras são messes grandes, se é que as há.

JOSÉ NEDEL

Bel. em Letras, Filosofia e Direito, Dr. em
Filosofia. Juiz de Direito e Prof. aposentado.
Autor de mais de 20 livros (7 de poemas), sendo
o último "Ponto de fuga: sonetos 2023".




18

a longa espera

JOSIANE CALEFFI ESTIVALET

Lembro que estávamos em plena pandemia causada pelo coronavírus. O dia estava cinza e a chuva impunha a sua presença constante. Fazia frio e por isso, suponho, era inverno. No início da audiência havia um homem entre nós. E cada personagem estava no seu ambiente virtual: autora, ré, procuradores, estagiária e juíza. Naqueles tempos todos improvisávamos, nas nossas casas, espaços de trabalho. Salas, cozinhas e até mesmo quartos deixavam de atender a sua vocação inicial e passavam a figurar como escritórios, oficinas, agências. **Cenários incomuns tornaram-se parte do nosso cotidiano.** Não eram raras as participações, nas reuniões e audiências, dos animais domésticos e das crianças que surgiam nas telas, mostrando que pouco importavam os limites das câmaras. Imagens, nada nítidas, de vultos passando ao fundo evidenciavam que, naqueles tempos, tudo se misturava: casa, trabalho, adultez, infância, imagens, sons, alegrias e tristezas. Estávamos tomados pela angústia com relação ao nosso futuro e ao futuro da humanidade.



Cenários incomuns tornaram-se

parte de nosso

cotidiano.

86

Desejávamos, ardentemente, sobreviver ao vírus que impôs o cruel distanciamento de tudo e de todos. A solenidade começou com percalços. A advogada de uma das partes não conseguiu entrar na sala virtual onde o ato deveria se realizar.

Sugeri que ela procurasse outro local, onde houvesse condições de participar da audiência, para não prejudicar o andamento do processo e adiar ainda mais a solução daquele litígio, cujo início antecedia a pandemia. Inacreditavelmente as malditas metas ainda definiam as nossas urgências.

Pacientemente esperamos por aproximadamente 15 minutos até que advogada e cliente ressurgissem na tela. Agora, acomodadas em outro espaço, ocupavam mais uma casa que, apesar das suas singularidades, havia tomado ares de impessoalidade, transvertendo-se em escritório. De imediato o único homem que se fazia presente disse que não teria condições de ficar até o final dos depoimentos, pois havia muito o que fazer naquele dia, então, que seguíssemos nós, as mulheres. E assim o fizemos. Iniciamos com os depoimentos pessoais. Cada uma daquelas mulheres relatou os motivos pelos quais ali se faziam presentes.

A autora era uma professora aposentada, devastada pela partida precoce do seu único filho. O jovem havia morrido de câncer, sem antes ter se submetido a todos os tratamentos médicos disponíveis, patrocinados pela genitora, que empregou a integralidade dos seus recursos para salvar a vida do filho. Lembro que durante o depoimento ela repetia inúmeras vezes: “ele morreu acreditando que superaria o câncer e que voltaria para casa vitorioso, sorrindo”. A requerida era a mãe da única neta da Autora. Na condição de inventariante dos bens deixados pelo jovem, estava ali defendendo os interesses da filha.

87



E ficamos num silêncio profundo por algum tempo. Eu havia programado dedicar à audiência, aproximadamente, uma hora. Mas ela havia consumido toda aquela tarde chuvosa.

88

Poucos anos antes do câncer, o rapaz e a jovem depoente haviam tido um romance eventual, ambiente no qual foi gestada a única filha do casal. Dispensaram os salamaleques do casamento e os desgastes da vida em comum. Sabiam que o que tinham em comum era tão somente o amor pela filha. O rapaz havia adquirido um apartamento, mediante financiamento.

Tinha dificuldades de alcançar qualquer valor à filha, a título de pensão, pois as prestações do imóvel comprometiam praticamente todo o seu salário. Ao morrer, a dívida do apartamento havia sido integralmente quitada em razão do seguro contratado

junto com o financiamento. Agora, a autora do processo, mãe inconsolável, pretendia se ressarcir dos gastos realizados na tentativa de salvar o filho da doença que o levou. E a parte demandada tentava proteger o único patrimônio que poderia vir a receber do pai: o apartamento.

Muitas eram as dores que se revelavam nas palavras daquelas mulheres durante os seus depoimentos pessoais. E, ainda assim, depois de traduzirem a dor da perda do jovem em palavras, insistiram na oitiva do médico que acompanhou o tratamento do rapaz até o seu último suspiro. Eram obstinadas aquelas mulheres. Mas a testemunha não acessou o ambiente virtual no horário previsto. Foram então feitas inúmeras chamadas para o seu celular. Todas sem sucesso. Ligaram para os nosocômios onde a testemunha poderia estar, até que, passada quase uma hora, ela foi localizada. Mais uma longa espera. O profissional decidira que prestaria o seu depoimento nas dependências do hospital. Naquela época não havia tempo para dar-se ao luxo de não se dedicar a salvar vidas. A pandemia se fazia presente em todos os momentos, em todos os detalhes. De repente, eis que surge, na tela, o médico. Tinha ares de intensa fadiga.

89



Terminamos a audiência

transformadas, pela

longa espera, em

cúmplices das

nossas dores.

Inacreditavelmente ele lembrava do jovem paciente, que a toda hora fazia referências a sua pequena menina, a quem amava com devoção. Lembrava da esperança que ele nutria na cura e dos imensos esforços que a genitora havia feito para proporcionar ao filho o melhor tratamento que os seus proventos podiam suportar. Encerrado o depoimento do médico, findamos a audiência.

E ficamos num silêncio profundo por algum tempo.

Eu havia programado dedicar à audiência, aproximadamente, uma hora. Mas ela havia consumido toda aquela tarde chuvosa.

Nos demos conta, ao final, que nenhuma de nós reclamou dos imprevistos, do tempo de espera e dos percalços que surgiram ao longo da tarde. Afinal, nós, mulheres, aprendemos a lidar com o tempo de uma forma muito particular. Desde a mais tenra idade sabemos que a vida é um ciclo que se repete. A natureza se impõe e impõe seus limites, de forma que não nos é permitido eternizarmos as nossas infâncias. Sequer suspiramos durante a vigília, durante o tempo que permanecemos aguardando pela chegada daqueles cuja participação era essencial. Não houve nenhum tipo de exasperação, nenhuma demonstração de frustração.

Pelo contrário, havia ali um profundo respeito pela dor de cada uma de nós. Todas éramos mães e todas nós sabíamos que, na iminência da morte de um filho, teríamos empregado todos os nossos recursos para salvá-lo. Terminamos a audiência transformadas, pela longa espera, em cúmplices das nossas dores.



19

injustiça: uma corrente persistente

JULIANA BEATRIZ

Na obra Mito da caverna, o filósofo Platão discorre sobre a transposição do pensamento ignorante do homem, calçado no senso comum, que se desvencilha das correntes da ignorância e chega à episteme ou a verdade, através da razão. Modernamente, o Direito contemporâneo pode ser relacionado à alegoria de Platão, uma vez que ele apresenta um ideal de justiça racional, não se fundamentando no senso comum. Sendo assim, mesmo essas opiniões não interferindo na formulação do Poder Judiciário, elas interferem na sua execução, visto que a justiça não está somente no Direito em si, mas também nas ações do corpo social, que possuem uma mentalidade, muitas vezes, contrária ao Poder Jurídico, gerando injustiças. Sob esse viés, é ilícito destacar, que a base das justiças e injustiças sociais é caracterizada por pensamentos coletivos construídos por valores dependentes da constituição moral de uma certa sociedade se desenvolve em um contexto injusto e opressor, a tendência é que ela adote esses comportamentos também. Isso é perceptível ao analisar o período escravocrata no Brasil, em que pessoas negras eram vistas como inferiores pelos colonizadores europeus e não possuíam nenhum direito fundamental garantido.

Nesse sentido, as injustiças, mesmo que

fortemente presentes no século XXI,

apresentam raízes intrínsecas

à história brasileira.

Dessa forma, a inexistência desses direitos acarretou uma percepção de valor estereotipada no senso comum: que pessoas negras são mais propensas a ser criminosas e violentas, e que são intelectualmente inferiores às pessoas brancas. Tais ideias preconceituosas levam a população negra à exclusão, uma vez que é constantemente inferiorizada. **Nesse sentido as injustiças, mesmo que fortemente presentes no século XXI, apresentam raízes intrínsecas à história brasileira.**

Em consequência disso, a população negra enfrenta diariamente diversas situações de injustiça. O sociólogo Zygmunt Bauman defende que a sociedade atual é influenciada pelo individualismo. Essa tese pode ser observada no dia a dia, no que tange às

injustiças vividas pelos negros. Apesar de haverem conquistas do movimento negro, como a Lei de Cotas, que busca impulsionar a diversidade no contexto acadêmico, promovendo o acesso de pessoas negras nas universidades, a situação de desigualdade e injustiça que esse grupo enfrenta ainda é muito grande, a citar a diferença salarial no mercado de trabalho entre pessoas brancas e negras que ocupam o mesmo cargo, ou ainda, a discriminação que meninos e meninas negros enfrentam nas escolas por causa da cor da pele.

Portanto, a ideia do que é justo e injusto é uma construção moral que ocorre dentro de cada sociedade, por isso, mesmo havendo um conjunto de leis que determinam os direitos e deveres do corpo social, práticas injustas continuam ocorrendo. Com isso, a episteme se afasta cada vez mais do homem, que continua preso nas correntes da ignorância, movido pelo pensamento construído em bases injustas e intensificadas pela conjuntura atual, impedindo que a população brasileira alcance o ideal de justiça e acabe com as desigualdades.

JULIANA BEATRIZ

3° Lugar do I Prêmio AJURIS de Redação nas
Escolas. Escola Estadual de Ensino Médio
Curupaiti, Vale Verde/RS - 3° ano



20

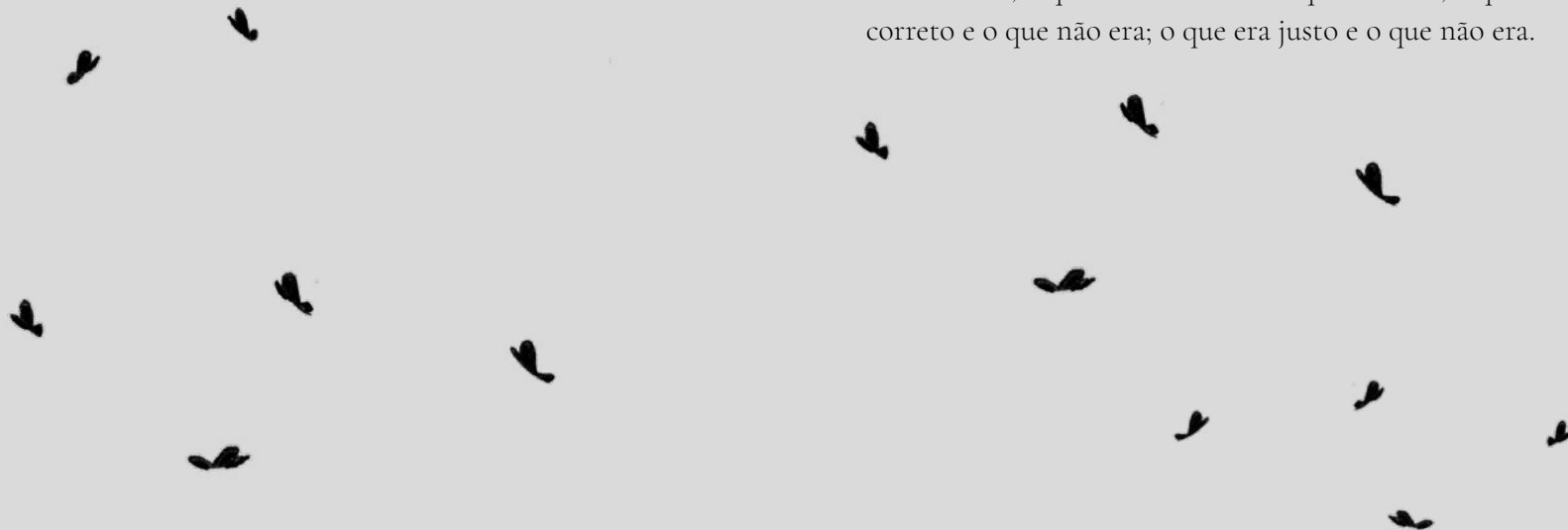
justiça:

uma semente

LUCAS FLORES BORIN

Existem certos temas que são absolutamente atemporais. Não importa quando e quanto sejam discutidos: são tão necessários – tão intrínsecos – à condição humana, que seria impossível conceber o mundo sem suas presenças. É o caso, por exemplo, do amor, da fraternidade, da liberdade e, como neste texto, da justiça.

A maior parte dos dicionários busca sintetizar o conceito de justiça como “um almejado estado harmônico, ditado por um julgamento razoável e imparcial”. Desde a aurora dos tempos, quando os homens primitivos alienaram-se de seu progresso nômade e desenvolveram as primeiras sociedades organizadas, tiveram de construir limites aceitáveis de convivência, o que era tolerável e o que não era; o que era correto e o que não era; o que era justo e o que não era.



**[...] se posso sonhar com um futuro melhor e
trabalhar para cultivar, no presente, a
semente desse futuro, então
eis aí a justiça [...]**

98



Desde o Neolítico, as noções de justiça foram cada vez mais desenvolvidas e aprimoradas; na Mesopotâmia do século XVIII a.C. surge o primeiro código de leis escritas, a Tábua de Hamurabi. Nos seguintes séculos, filósofos como Platão, Aristóteles e Palemarco discorreram sobre a natureza e o papel prático da justiça, atribuindo-lhe (para além de função social) a qualidade de virtude. No Império Romano, é designada como o objetivo do Direito e do Estado; e, no período Contemporâneo, sob a luz dos constitucionalistas, positivistas e racionalistas dos séculos XIX e XX, ganha o aspecto que lhe é próprio até os dias de hoje.

Resta, contudo, o questionamento: onde ela está: ? É prática e diária em nossas vidas? Simples: se nos é garantido o direito de ir e de vir; se nos é dada a liberdade de credo e orientação sexual; se posso escrever estas linhas com tranquilidade por saber que meus direitos de expressão não serão cerceados; **se posso sonhar com um futuro melhor e trabalhar para cultivar, no presente, a semente desse futuro, então eis aí a justiça** – a garantia dos direitos individuais e a retificação dos deveres coletivos para a edificação de uma vida mais digna.

99

LUCAS FLORES BORIN

2° Lugar do I Prêmio AJURIS de Redação nas
Escolas. Escola Básica Estadual Dr. Paulo
Devanier Lauda. Santa Maria/RS
2° ano / 11° grau



21

o antigo fórum de **Passo Fundo**

**LUIZ JUAREZ
NOGUEIRA DE AZEVEDO**

Os serviços forenses em Passo Fundo, a partir do início da década de 1930, passaram a funcionar num sobrado que ocupava parte dos terrenos onde depois seria erigido o atual Palácio da Justiça. O imóvel pertencera ao antigo Banco Pelotense, liquidado em 1929, cujo patrimônio passou para o Estado. Foi ali que me iniciei na profissão e onde, por mais de dez anos, exerci meu ofício de advogado, até a demolição do prédio, o que aconteceria a partir de 1976.

Em fins de 1964, no antigo salão do júri, fiz minha estreia no Tribunal do Júri, conseguindo absolver o acusado. No ano seguinte, instalado com escritório no prédio contíguo, juntamente com Dárcio Vieira Marques e Warley Farinati, já estava a frequentar diariamente o Fórum para acompanhar as (poucas) causas que patrocinava. Como todos os advogados daquela época, despachava diretamente com os dois juízes, Eurípedes Fachini e Milton dos Santos Martins, este futuro desembargador, que presidiria o Tribunal de Justiça. Apresentava-lhes as petições, explicava seu conteúdo. Os despachos em geral eram imediatos, favoráveis ou não. Fachini e Milton Martins foram magistrados de escol, com passagem marcante na história do Poder Judiciário do Rio Grande do Sul. Suas luzes e exemplos de muito me serviram naquele tempo de iniciação e aprendizado nas lides forenses.

**[...] começava a me forjar na luta pelo Direito, em
que nunca esmoreci e, embora
trocando de trincheira, jamais
iria abandonar.**

Ainda não entrado na adolescência, já andava a subir e descer as escadarias do casarão da Gen. Neto. Filho mais velho, era incumbido por meu pai de levar os livros do seu cartório para os vistos dos juízes e apresentar-lhes documentos para despacho. Às vezes até os procurava nas mesas do Café Elite, que frequentavam nos intervalos das audiências para a habitual rodada de cafezinhos. Sempre fui atendido com toda paciência e afabilidade. Foi quando conheci os Drs. Arthur Oscar Germani, Isaac Soibelman Melzer e César Dias Filho, depois desembargadores no Tribunal de Justiça.

Quando meu pai foi designado para a função de distribuidor, partidor e contador da comarca, cabia-me buscar e levar os processos para distribuição, auxiliá-lo nos cálculos e nas partilhas dos inventários.

Naquele período conheci todos os advogados que militavam na comarca. Desde o legendário Antonino Xavier, Florisbello Ferreira, Higino Garcez e Pedro Silveira Avancini, antigos provisionados, aos afamados Celso Fiori e Carlos Galves, além de Aquelino Translatti, Armando de Souza Kanters, Frederico Daudt, Gelso Ribeiro, Herculano Annes e seu filho Murilo, Mario Hoppe, Mauro Machado, Ney Mena Barreto, Odalgiro Corrêa, Pedro Pacheco, Rômulo Teixeira, Salim Buaes, Sílvio Dal Maso e Verdi De César.

Esse foi o primeiro ambiente forense que conheci, ainda na infância, aonde retornaria para exercer a profissão de advogado e atuar como advogado de ofício e procurador do Estado. Dentro daquelas venerandas paredes, diante dos balcões dos cartórios e das prateleiras dos processos, ao som rouco das velhas máquinas de escrever, contando com a benevolência dos escrivães Reinaldo Schlemmer, Maíno de Carvalho Nobre e Pery Mathias Lopes e seus dedicados auxiliares, **começava a me forjar na luta pelo Direito, em que nunca esmoreci e, embora trocando de trincheira, jamais iria abandonar.**

LUIZ JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO

Procurador do Estado, aposentado,
Oficial do Registro de Imóveis, membro da
Academia Passo-Fundense de Letras.



22

a virtude do **egoísmo** em Ayn Rand

MARTA LEIRIA

Parece no mínimo constrangedor (maldade?) reconhecer o egoísmo como virtude. Em meu livro solo, *A inveja nossa de cada dia e outras reflexões crônicas* (2019), abordei o pecado envergonhado sob a ótica da narrativa bíblica. Lembrando: por que Caim matou Abel? Por não suportar que o irmão o superasse em qualidades. Por puro ressentimento: a desgraçada inveja, que de santa não tem nada. É falsa a célebre frase de que ninguém é melhor do que ninguém. Para a escritora russo-americana Ayn Rand (1905-1982), atea convicta, alguns poucos são melhores e carregam o mundo nas costas, enquanto os outros apenas se aproveitam.

Resolvi ler Rand por ela mesma, não sobre o que outros dizem de suas radicais posições. Ler uma frase ou outra da pensadora é inútil para compreender, e principalmente aplicar, sua filosofia objetivista. Para com ela concordar ou discordar é preciso fazer algo raro hoje em dia: ler o texto completo, contextualizar frases, reler e fazer anotações. Ah, e dá para concordar apenas em parte, antes de jogar o livro longe diante de algumas posições que parecem ferir nossa suscetibilidade, tal a rigidez de princípios éticos e morais que fundamentam suas ideias. Para ela, a autoindulgência não tem vez. Vale demais a leitura (para quem gosta de pensar), afinal é impossível sair incólume das provocações de Rand. Noutras palavras, é caminho sem volta, como adverte

Dizer que todos são

egoístas é fazer à

humanidade um

elogio que ela

não merece.

106

Dennys Garcia Xavier, ao nos apresentar a recém-lançada edição brasileira de *A virtude do egoísmo* (LMV Editora, 2022).

Eis algumas das acepções dicionarizadas de egoísmo: amor excessivo ao bem próprio, sem consideração aos interesses alheios; orgulho, presunção. Narcisismo. Na Mitologia, Narciso era tão belo e tão vaidoso que, após desprezar inúmeras pretendentes, acabou se apaixonando pelo próprio reflexo. Morreu de fome e sede à beira da fonte de água onde via sua imagem refletida. A conotação negativa é clara. Não para Rand. Erra quem supõe que ela apregoa um amor-próprio que implique o direito de pisotear, passar por cima dos outros. Ou

amar tanto a si próprio a ponto de não admirar mais ninguém e renunciar ao encontro amoroso (ela enaltece o amor romântico). A ética objetivista defende que o bem humano não requer sacrifícios humanos. É contrária a ver o homem como animal de sacrifício. Algum incauto pode dizer: é válido sacrificar a própria vida para salvar um filho que está se afogando. Para Rand, aí não há sacrifício. Deixar de envidar todos os esforços para salvar o filho significaria um sacrifício insuportável para carregar nas costas. A vida se esvaziaria de sentido. E o que dizer do filho que quer renunciar à carreira e cede à imposição do pai por aceitar a ética do altruísmo? O filho acredita que é imoral agir a favor de seu próprio interesse, esse é o princípio que dirige suas ações. Age movido pela culpa: “tem” de agradar ao pai para sobreviver. Há quem diga que todos são egoístas, com uma expressão de cinismo e desprezo, o que a pensadora refuta: **Dizer que todos são egoístas é fazer à humanidade um elogio que ela não merece.**

107

Sem orgulho,

amor-próprio,

autoestima,

como queiram,

como se salvar?

Refletir sobre as lições de Rand, e tentar aplicá-las à vida terrena (haverá outras?), me parece fundamental. Quanto mais jovens, mais acreditamos que é possível salvar a humanidade. O problema é que sonhar e apregoar a maravilha idealizada de mundo não transformará a realidade, por mais preocupados e bem-intencionados que estejam os que pretendem salvar as minorias que sofrem. Se a menor minoria que existe é o indivíduo, parece evidente que, antes de tudo, é preciso salvar a si mesmo. Para isso, é preciso fazer algo em seu próprio interesse, colocar-se em primeiríssimo lugar. E fazer algo de que possa se orgulhar: ser útil e colher

o fruto do esforço pessoal, negociando livremente com os outros sem que nenhum seja subjugado. **Sem orgulho, amor-próprio, autoestima, como queiram, como se salvar?** Há quem jura amar a humanidade, mas despreza a si mesmo por não realizar nada de valioso aos próprios olhos, ressentindo-se com o êxito alheio (sim, ela, a inveja). E, o pior, não raro vivendo às custas do esforçado. Das melhores frases da escritora: “A menor minoria na Terra é o indivíduo. Aqueles que negam os direitos individuais não podem se dizer defensores das minorias.” Se faz algum sentido a reflexão que aqui proponho, estudar e compreender a ética objetivista pode ser um bom começo. Mas é importante ir direto na fonte, conhecer Ayn Rand por ela mesma, não só pelas inferências que fiz a partir de uma de suas obras.

MARTA LEIRIA

Escritora e Procuradora de Justiça aposentada. Lançou o primeiro livro solo na 65ª feira do livro de Porto Alegre, “A Inveja Nossa de Cada Dia e Outras Reflexões Crônicas.” A obra foi finalista, em 2020, dos prêmios da Academia Rio-Grandense de Letras e Minuano, ambos na categoria crônica. Integra diversas coletâneas. Site: www.martaleiria.com.br

23

consciências em **vivências**

MIGUEL ANTONIO JUCHEM

— O melhor discernimento do conhecimento se faz com consciência em alargamento.

— O autoconhecimento é o mais alto conhecimento.

— O que nos é muito complexo não quer dizer que não tenha nexos.

— Para melhor saúde buscar, botar o corpo a flexionar e a alma a reflexionar.

— Em algum momento da vida temos de mudar. Não de lugar, mas de olhar.

— Luz externa é lanterna para não tropeçar. Luz interna é lanterna para orientar a melhor estrada a trilhar.

— Escuridão é luz diferente, facilita que para nosso interior se entre.

— Só produz oração eficaz quem é da paz.

— Tem pergunta que é indagativa e pergunta que é afirmativa. Tudo depende do seu texto, do seu contexto, do seu pretexto.

Quem tem
saúde está
saúdável.

— Está em pleno
evolucionar aquele que
consegue, ao no espelho se
olhar, consigo conversar
sem se envergonhar.

— Fazemos nossa pior
viagem quando imaginamos
que somos nossa imagem.

— Para obtermos
plenitude, necessário que
aquietemos certas atitudes.

— É em nossas pausas que
encontramos nossas causas.

— Grande carga emocional
geralmente se aloja em
território dorsal.

— Sempre é bom dizer à
pessoa amiga quando se
estiver sob fadiga.

— Toda imitação é uma
limitação.

— Quem não tem nenhum problema está com um grande
problema.

— Se orou e não obteve atendimento, é porque faltou
merecimento.

— Homo sapiens. Muita saliência e pouca sapiência.

— Ódio que um dia se solta, em outro dia contra nós se
volta.

— O que desejar para os céus, desejar também para os seus.

— É melhor um cético ético que um crente indecente.

— **Quem tem saúde está saúdável.**

— O sincero e afetuoso “muito obrigado” ‘é próprio de
quem tem o coração alargado.

— Quando o amor se planta, ele tudo suplanta.

— Da vida Deus é o autor, mas do meu modo de viver sou
eu o construtor.

MIGUEL ANTONIO JUCHEM

Magistrado Aposentado (RGS) - Advogado
- Psicoterapeuta Reencarnacionista.

24

o anel do pescador

MOACIR HAESER

A vida era bem diferente na minha infância. Construir brinquedos, jogar futebol, brincar de esconder e de pegar, jogar caçador e sapata com as meninas... Pescar com o pai, com os tios e com os amigos fazia parte da formação. Já adulto, mantive o gosto pela vida ao ar livre e o passatempo de pescar.

O cérebro do homem e da mulher são diferentes, pois é dividido em caixas, segundo dizem, sendo capaz de apenas um assunto por vez. De vez em quando ingressa na “caixa do nada”, ficando horas a fio olhando as estrelas à espera de um peixe. Deus não desconta da vida do homem o tempo que passa pescando.

Existem regras essenciais na pescaria que precisam ser repassadas aos novatos para evitar alguma heresia. A captura de iscas é tarefa de todos. Nunca se mexe nos anzóis de outro pescador. O que se pode fazer é avisá-lo sobre uma linha puxada, mas jamais pegar o seu peixe.

Há regras de convivência. Ninguém é dono dos peixes. No final da pescaria os peixes são divididos entre todos. O mais velho faz os montes e não escolhe. Fica com o monte que sobrar. O peixe maior é entregue ao dono do carro.

O otimismo é uma
qualidade fundamental
do pescador.

Daqui a pouco vai
fisgar um peixe...

Piadas e boas histórias são admitidas. Apesar da fama, posso garantir que a maior parte das histórias são mesmo verdadeiras.

A solidariedade é essencial. Ninguém deixa mal um colega, sem sal, sem fósforo, sem isca ou qualquer apetrecho.

A humildade é outro ensinamento. Todos os homens são iguais perante os peixes. A pior linha pega o maior peixe. A linha de mão do operário supera a luxuosa carretilha do gerente.

O peixe parece ter suas próprias regras e sempre vai pegar na pior linha. O novo pescador, na sua primeira vez, acreditem ou não, sempre pega o peixe maior. E daí está fisgado...

O otimismo é uma qualidade fundamental do pescador.
Daqui a pouco vai fisgar um peixe...

A esperança, no fim da pescaria frustrada, é que na próxima terá mais êxito. A razão foi muito vento... pouco vento; muito frio... muito quente; lua clara... lua escura; tipo de iscas, etc.

Uma razão divina deve haver para Cristo ter escolhido seus apóstolos entre os pescadores e ter feito a multiplicação dos peixes. Aliás, o símbolo do papado é o ANEL DO PESCADOR. Porém, se não preservarmos a natureza, logo não haverá peixes... nem almas para pescar.

MOACIR HAESER

O autor é Juiz de Carreira e atuou em diversas comarcas e na capital. Especialista em Ciências Penais pela UFRGS, foi professor da Faculdade de Direito da Unisc e da Escola Superior da Magistratura. Atuou na 4ª Câmara Cível do Tribunal de Alçada até ser promovido ao tribunal de justiça onde aposentou-se como desembargador. Atualmente reside em Santa Cruz do Sul (RS) dedicando-se a escrever crônicas e à advocacia.



o mais recôndito
lugar

NEI PIRES MITIDIERO

A vila de Itapuca ficava para trás.

Florêncio e os filhos circulavam pelas estradas de terra e de chão batido de Anta Gorda, na região das antas que saciavam a sede nas águas dos rios Guaporé, Taquari e do arroio Zeferino, e em cuja uma das margens, lá pelo primeiro quadrante do século XX, fora abatida a tiros aquela grandona e gorda. Por pura maldade.

Buscavam a gruta de Itapuca. A caminhonete Saveiro branca do ainda jovem juiz de direito de Arvorezinha, Ilópolis e Putinga ganhava a Estrada da Capela.

E ei-la, a solitária igreja.

Dali prosseguiriam a pé.

Avistavam, agora, o perau e a escarpa da montanha, e no entremeio de ambos, a vereda que os levaria à gruta de Itapuca, misteriosamente linda — dizia-se.

Desconhecido, o

labirinto assustava.

Mas as lanternas

avançavam caverna

adentro.

120

Animavam-se. Desciam pela vereda de pedras brutas justapostas pelos índios. E encantavam-se com as súbitas aparições dos animaizinhos silvestres, com as correrias dos preás e de um furão, e com a mansidão amistosa do quati que deles se acercava.

Maravilhavam-se com o canto dos pássaros e com o verdor da mata virgem que se lançava precipício abaixo. Tudo aquilo os fazia felizes.

Corria a primavera de 1980. Eles se acostumavam com a paisagem.

O grande vale dos rios Guaporé e Taquari se estendia soberano do sopé da montanha. Lá estavam os morrinhos, os morros, as colinas, os riachos, os lagos, os grandes rios.

Os coqueiros e as palmeiras. As capelas e igrejinhas, fundadoras dos lugarejos.

E, lá no fundão, levantavam-se as duas torres do castelo de pedra arenito, delírio de real nobreza decerto de seu extravagante morador.

Já na entrada da caverna, os aventureiros entreolhavam-se: o que haveria lá dentro?

Enfurnavam-se, então, pelo largo túnel principal.

Neste, desenhados nas paredes, desfilavam índios, cavalos, animais da terra e se sucediam objetos indígenas primitivos, tais cocares, arcos e flechas. Demais disso, acessos a corredores laterais sobrevinham-se por toda parte. Atemorizavam-nos. Cada vez mais, aqui e ali, surgiam inesperadas entradas a corredores e túneis outros. Levavam a novas e intrigantes passagens. **Desconhecido, o labirinto assustava. Mas as lanternas avançavam caverna adentro.**

A escuridão aumentava, quando — temendo por si e pelos guris... por Ariosto e Isidoro —, já assustado, o juiz finalmente lobrigava uma réstia de luz, logo alcançada.

121

E, quem sabe, por

uma fenda submersa

atingir a luz do dia.

Deslumbravam-se, eles, então, com parte ampla e clara da caverna, de extraordinária beleza.

As paredes eram cravejadas de pedras azul-marinho, cinza-claro, amarelo-âmbar, verdes, roxas, de tudo que é cor. As pedras cintilavam e espalhavam rajadas de luz, que se juntavam aos raios de sol vindos lá de cima da caverna, todos se arremessando ao centro desta. Ao esplêndido lago que, silencioso e sereno, parecia reinar sobre o lugar.

Extasiados, eles viam a água ondular. Algo ou alguém se movia no lago. Preste a emergir.

E ela surge.

A pele jambo, o cabelo negro, os olhos escuros, os seios... os mais perfeitos seios que eles jamais viram.

Levantava-se nua a bela índia da gruta. Assombrava-se e assombrava. Logo ela desaparecia num suave mergulho nas águas límpidas e profundas. Escondia-se bem lá no fundo do lago da gruta de Itapuca.

A iara está lá. Ela está lá. Repetem o juiz e seus filhos lá em Arvorezinha.

Mas, não fossem eles encantados, enfeitiçados pela jovem, poderiam ter mergulhado no lago.

E, quem sabe, por uma fenda submersa atingir a luz do dia, nadar até a margem, trilhar pelo mato e maravilhar-se: ali estavam algumas poucas ocas, alguns índios guaranis numa remanescente aldeia do vale do rio Guaporé.

No mais recôndito lugar. Ainda a salvo da civilização.

NEI PIRES MITIDIERO

Magistrado aposentado do RGS, autor dos livros comentários ao Código de Trânsito Brasileiro - Direito de Trânsito e Direito Administrativo de Trânsito e de Circulação Extratransito - Comentários à Parte Penal do CTB (Saraiva).

26

Panapaná

NELSON NEWLANDS CARNEIRO

Quem tem medo de panapanás? Que mal podem fazer tais inocentes criaturas? E quem tem a mente encantada por panapanás são poetas ou dementes? Serão monstros, médicos ou cientistas loucos, dos quais nem todos nós temos um pouco? Ou são caçadores de lepidópteros em busca do tesouro que o borboletear transporta. Que feras, que brutos lepidopterologistas! Leves, lindos panapanás da língua tupi, em suave e colorido voo.

Ele desejava estar no bando de panapanás, na nuvem que voava a colorir o céu. Seria possível transformar-se numa delas e bater asas sem destino, livre dos processos que transtornavam sua mente? Tinha de se metamorfosear, não em um nojento inseto, como escrevera Franz Kafka, para quem a vida era um absurdo sem nenhum significado e que tanto pode ser um sonho, quanto um pesadelo.

Olhou-se então no espelho e viu, maravilhado, um lepidóptero!

As aflições levaram-no

a não fazer mais

concessões e foi

assim que

emudeceu.

A vida tem destas coisas: quando tudo vai bem, vem a desgraçaria. Como imaginar que uma simples intimação judicial viesse desencadear tantos aborrecimentos. O advogado da mulher propôs um breve divórcio amigável que se transformou em um interminável processo litigioso. Suas preocupações transferiram-se para o Tribunal e para as impetrações de recursos, que prolongam as questões judiciais.

As sessões do Tribunal se sucediam, e ele esforçava-se para compreender qual seu papel no processo, afinal era réu ou autor da ação? Como recuperar a certeza do julgamento?

Talvez o julgassem. Mas por quê? Desde o dia em que se perdera dentro do prédio do grande Tribunal, sentindo o perigo de se espetar em uma de suas varas, começara a detestar a austeridade dos juízes, a carranca dos promotores e a esperteza dos advogados.

Mesmo abominando tudo aquilo, o perplexo indivíduo comparecia diariamente ao Fórum. Sua presença tinha o intuito de pressionar os juízes, visando livrar o andamento de suas causas da morosidade forense. As portas se fechavam, apenas as do Tribunal permaneciam abertas. **As aflições levaram-no a não fazer mais concessões e assim foi que emudeceu.** Não falava a quem quer que fosse. Intratável e com a nítida impressão de estar sendo perseguido por seus advogados e juízes, refugiou-se no banco de uma praça.

Era como se as metamorfoseadas criaturas

viessem convidá-lo para o derradeiro

passeio de suas breves

vidas.

“Que bom se pudéssemos viver libertos da necessidade de Tribunais e senhas!” Absorto nas reflexões, nem notou estar envolto em uma nuvem de panapanás. Era como se as metamorfoseadas criaturas viessem convidá-lo para o derradeiro passeio de suas breves vidas. Minutos depois do estranho contato, elas partiram, deixando um rastro multicolor. Uma trilha que, ao longe, constituía-se de magníficas pequenas contas, que enaltecem o bem, desfazendo as querelas.

O apartamento estava entregue ao abandono, voltara apenas para trocar de roupas. Ia vestir-se com as mesmas cores que ostentavam as novas companheiras. Parado diante do espelho, trajado como se fosse gravar um comercial de tintas, olhou-se e viu um lepidóptero amarelo, verde, vermelho e azul.

Saiu pela rua pulando e batendo braços como se estivesse aprendendo a voar. Borboleteou de braços abertos pela cidade. Ganhou altura. Voava sobre as casas, próximo à praça, repleto de felicidade. Na certeza de que não mais haveria casamentos, tribunais e senhas, jogou-se do décimo andar. Era finalmente uma borboleta, no gozo de todas as prerrogativas e direitos, em seu efêmero e definitivo voo!

NELSON NEWLANDS CARNEIRO

Formado em Jornalismo na PUCRS em 1973. Autor de cinco livros: “O Cego e a Sexóloga e Outras Histórias”; “Amor à Malagueta e outras do Reino”; “Pra rir de mim”; “Histórias de uma cabeça cega cara de pau”; “Sopro de Alegria”.



27

Tucídides,

a pagacela e as goleiras de
taquara da minha infância

NEWTON FABRÍCIO

“Sabes tanto quanto nós que o Direito, no mundo de hoje, só está em questão para iguais em poder; os fortes fazem o que podem, e os fracos sofrem o que devem sofrer”

(Tucídides, História da Guerra do Peloponeso, Século V a.C.).

Às vezes, eu paro pra pensar.

E lembro da minha infância, onde tudo era claro e definido.

Tudo tinha um lugar.

Os pontos cardeais, por exemplo.

O Leste era onde morava a Vanessa, paixão secreta da minha infância.

(Só tinha um defeito a Vanessa: não era minha colega de aula. Era da mesma série, mas da outra turma. Logo, era impossível namorar a Vanessa. Pois, na infância, lá pelos 8 anos, só se namora as gurias da mesma aula. Mesmo que elas não saibam – só umas olhadas, de longe, já era namoro).

O Oeste era lá pras bandas do Colégio Industrial, atrás do qual o sol desaparecia, a cada fim de tarde.



Era só atravessar a rua,

pular o muro do

Colégio, e eu

estava no

centro do mundo.

O Norte era lá onde ficavam o Municipal e o Cisne, onde passavam os filmes de romanos (tinha mais filme de romano do que de caubói, na época). E os filmes de Hércules, Sansão e Maciste.

E o Sul?

O Sul era logo depois da esquina da minha casa, depois de atravessar a rua, onde começava um lançante (descida, pra quem não sabe).

E o centro do mundo?

Bah, era mais fácil do que encontrar a Vanessa.

Ficava bem na frente da minha casa.

Era só atravessar a rua, pular o muro do Colégio, e eu estava no centro do mundo.

Era o futebol de campo do Colégio.

Bah, quanta saudade, vivente.

Mas não era apenas tudo que tinha um lugar.

As regras existiam, todos sabiam quais eram e eram respeitadas.

O jogo de bolita, por exemplo (“bolinhas de gude”, pra quem se criou em Porto Alegre. A primeira vez que ouvimos esse nome, chegamos a corcoveá que nem cavalo xucro, de tanto dá risada. “Bolinha de gude”, onde já se viu? Era bolita, e pronto – e sem o “s”, porque é assim que missioneiro fala, quando piá).

As bolitas tinham, em regra, três tamanhos. As menores eram as paraguaias e as mais valorizadas, porque era mais difícil “nicar” (acertar) nelas (a única coisa “paraguaiá” que era valorizada).

Os jogos de bolitas eram de dois tipos.

“Às brinca”, o jogo não valia nada. Quem perdia, podia levar as suas bolita. Ou jogar de novo.

“Às deva” era jogo de verdade.

Quem perdia, perdia.

Era dívida de jogo.

Era questão de palavra.

Era questão de honra.

Um missioneiro jamais iria desrespeitar a sua palavra.

Quem não entender isso,

é porque não foi

guri, ou nunca

leu Jung.

134

Tinha também o “lege”.

Um dia, eu estava olhando dois piá jogando bolita no Colégio.

Nisso, um guri, uns quatro ou cinco anos mais velho (o que era uma baita diferença), aparece, passa a mão nas bolita, diz “lege”, e vai embora.

Eu olhei pros piá e perguntei:

– O que que é isso? Por que ele levou as bolita de vocês?

Os piá me olharam, espantados por eu não saber, e responderam:

– É o “lege”.

E ficaram me olhando, surpresos, como quem diz:

- “Será que ele nunca leu Tucídides?”

E também tinham, como é natural entre os piás, as brigas.



(Quem não entender isso, é porque não foi guri, ou nunca leu Jung).

As peleias eram pra valer, a socos.

Mas, no dia seguinte, tava tudo em paz.

E voltavam a jogar futebol juntos.

As brigas tinham três formas de começar.

Ou se atracavam a socos, sem nenhuma intervenção, na saída do Colégio, depois da ameaça na aula:

– Vou te pegá na saída!

Ou começavam com uma discussão, que se tornava mais ríspida.

Aí, nenhum dos dois muito decidido a brigar, se formava o grupo em volta, querendo ver os dois brigando.

Um “atiçava”:

- Aquele ali “gelou”.


Bah, era o mesmo que chamar de covarde.

O vivente não tinha saída: partia pra briga.

Mesmo sabendo que ia apanhar.

Mas, se ainda assim não se decidisse a tomar a iniciativa, alguém empurrava um dos dois (normalmente se empurrava o mais briguento contra o “gelado”) e então não tinha volta.

135



O vivente não tinha

saída: partia pra

briga.

A terceira forma era a mais importante.

Porque envolvia todo um simbolismo (claro que isso nós só entendemos anos depois).

Era a pagacela.

A pagacela era assim: durante a discussão, ríspida, nenhum tomava a iniciativa.

136 Então, um dos componentes do grupo em volta, querendo ver a briga começar, entrava no meio dos dois e cuspia no chão.

Bah, era o que faltava.

Não tinha volta.

Imediatamente, um dos dois (o mais decidido a brigar), pisava em cima do cuspe, botava a mão na sola do sapato e dava um tapa na cara do outro.

Era a maior agressão de todas.

Um tapa na cara com a mão cuspada era como botar a mãe no meio.

Não tinha volta.

Começava a peleia.

Ninguém resistia à pagacela.

Era uma instituição.

(A única chance de evitar o tapa na cara era se defendendo).

Mas, um dia, aconteceu algo que jamais alguém poderia imaginar.

No exato momento em que um dos piá inicia a pagacela, pisando em cima do cuspe e passando a mão embaixo da sola do sapato, o outro, o “gelado”, se aproveitando do fato de que o vivente estava com apenas um pé no chão e a mão no sapato (portanto, com equilíbrio precário e sem chance de defesa, porque uma mão estava abaixada e a outra na sola do sapato), se adianta e dá um soco, derrubando o vivente.

Era algo impensável.

Ao invés de deixar o vivente completar o que iniciara e apenas se defender do tapa, como era a ética (não escrita) da pagacela, ele interrompeu a pagacela se aproveitando do momento em que o piá estava em desvantagem, com equilíbrio precário.

Ninguém podia fazer isso.

Era a suprema covardia.

137

Era o desrespeito à instituição.

Não preciso dizer que o guri deu o soco e saiu correndo.

E nunca mais apareceu.

Teve que trocar de Colégio.

Porque ele desrespeitou a pagacela.

Desrespeitou a instituição.

Às vezes, eu fico pensando que tudo mudou com o fim da pagacela.

Aliás, tenho certeza.

Tanto que acabaram com o futebol de campo (construíram um anexo do Colégio na parte sul do nosso quase sagrado futebol de campo).

O centro do mundo continuava no mesmo lugar, mas tinha diminuído de tamanho.

O futebol de campo se transformou em campinho de futebol, menos da metade do original.

Isso mudou tudo.

Mudou os eixos de lugar.

Tanto é verdade que o campo era no sentido Norte-Sul.

E agora era no eixo Leste-Oeste (Vanessa-Pôr-do-sol).

Nunca mais a vida foi a mesma.

Tanto que foi ali que a Vanessa trocou de Colégio: foi estudar no Verzeri, “Colégio das Freiras”, que só aceitava gurias, na época.

Como a Vanessa abandonou o Colégio, eu me fui embora também: fui pro Santo Ângelo, “Colégio dos Padres”, que só aceitava gurus, à época.

Mas tem mais.

Ao invés das imponentes goleiras do futebol de campo, iguais às dos times profissionais, ficaram duas goleiras de taquara.

Esquálidas, frágeis, quietas, impassíveis, passivas, inermes e inertes.

Tudo mudou com o fim da pagacela.

E cada vez que eu vejo alguém dizer que o juiz não pode fazer perguntas (nem para o réu, nem para as testemunhas, se o Ministério Público não estiver presente), tem que ficar inerte, eu lembro das tristes goleiras de taquara da minha infância.



28


o chamado à

justiça

NICOLAS EDUARDO

Desde os tempos antigos, os sábios e pensadores discutem sobre o verdadeiro significado de “justiça”. Para alguns, é conceder igualdade a todos os membros da sociedade. Para outros, é tratar todos com imparcialidade. Mas, não há consenso. É fato, no entanto, que essa relatividade não anula a percepção natural de justiça.

Todos somos compelidos por nossa própria consciência a agir corretamente. A injustiça, de certo modo, é contrária à natureza, visto que há algo que nos alerta, mesmo sutilmente, quando agimos indignamente. Ainda que a origem e definição desse alerta sejam discutíveis, sua existência, bem como sua persistência, é inegável. Não há aspecto da vida humana que não seja afetado por esse mistério, essa luz inextinguível que não só nos direciona, mas também nos confronta. Quando mentimos, quando lesamos, quando desrespeitamos, em qualquer momento moralmente duvidoso de nossa curta existência a luz está lá.



Pergunte onde a justiça

está em sua vida e,

se não houver

traços dela,

comprometa-se

a agir justamente.

Muitos problemas decorrem do ignorar da consciência. De fato, a sociedade apenas chegou ao estado miserável moderno depois de milênios de fraqueza moral. Reinos opressores se ergueram e a atormentavam o povo. Mentirosos se elegeram sobre a confiança dos eleitores enganados. Religiões perseguiram e foram perseguidas, sem qualquer embasamento racional ou moral. Mas, engana-se quem pensa que a injustiça é monopólio de grandes grupos ou personalidades. Nós somos injustos todos os dias, às vezes sem intenção. Na escola, há bullying. Em casa, traições. No trabalho, negligência. O mundo em si é injusto.

Em suma, todos nós somos moralmente reprováveis e inaceitáveis. O caminho para uma melhor sociedade, no entanto, é claro: pense. Toda vez que a oportunidade para sermos injustos surgir, devemos nos questionar sobre os resultados dessa ação. Vale a pena causar mal aos outros? A resposta influenciará todas as suas decisões daí em diante. Pergunte onde a justiça está em sua vida e, se não houver traços dela, comprometa-se a agir justamente. Como dito por Gandhi, seja a mudança que você quer no mundo.

NICOLAS EDUARDO

1º Lugar do I Prêmio AJURIS de
Redações nas Escolas. Colégio
Estadual Nicolau Chiavaro Neto.
Gravataí /RS. 2º ano

29

molinhas

OSMAR DE AGUIAR PACHECO

Eram umas molinhas, muitas
Vinha ela e suas molinhas,
pequeno anjo em gracinhas.

Raios de sol abrindo o dia,
as ondas lambendo a areia,
e, ao longe, as molinhas se via
passinhos firmes na aldeia.

Entre as plantas de soslaio,
trincheira de cicas e pinheiros,
ficava eu como um artilheiro,
só para ver a menina em um raio.
Minha manhã já tinha uma senda.
Muitos passavam e voltavam.

Teia infinita de uma renda,
fastio até as molinhas que passavam.

Um dia, porém, ruiu meu ritual.

Firme, a menina chamava pelo au au.
Lá se foi meu cão como um vassalo,
do esconderijo saí com muito abalo.

Dos cachinhos saíam umas
mãozinhas,
da cerca o animal hipnotizado a
lamber.

Foi de um estalo que vim a saber
que aquelas molinhas já foram
minhas.

Sorrindo, à criança falei de minha
filha,

aquela praia já tivera outra de
cachinhos.

Tempo daquela casa com toda a
família,

mas o tempo levara a outros
caminhos.

Na sua inocência, nada podia entender.

Como contar da minha fantasia?

Ver de novo e em demasia

minha filha encantada a não crescer.

Daquelas molinhas um sorriso veio

Na frente, já esperava alegre o mar.

Eu voltando à cadeira solitária de um velho,
um pai e a melancolia de esperar e amar.

Praia do Arpoador, 17 de fevereiro de 2021

Um dia, porém,

ruiu meu

ritual.

OSMAR DE AGUIAR PACHECO

É graduado pela UFRGS, ex-advogado da
Caixa Econômica Federal, onde foi Chefe da
Procuradoria da Região Norte, e juiz de direito
desde 1998, passando pelas comarcas de
Encantado, Augusto Pestana, Ijuí, Rio Pardo e
atualmente no Foro Regional da Restinga.

30

iniquidade

PEDRO ALFARO

Eu venho
Do cimento todo
Desse imenso lodo
Que alguém espalhou
Trago
A palavra por metade
Nessa iniquidade
Que alguém inventou

Ainda
Num ventre escuro
Lancei no futuro
Os olhos da razão
Eu tenho

Esse nó no peito
E pro “não tem jeito”
Eu quero a solução
Eu não critico construindo
Nem estou pedindo
Vossa confiança
Só quero que você me
esqueça
Antes que aconteça
De eu ter esperança !

PEDRO ALFARO

Magistrado aposentado.



31

o sapato **vermelho**

SUZEL REGINE NEVES DE MESQUITA

Fizeram uma sessão de fotos. É quase unânime a ideia de que registros de vida são maravilhosos para se curtir enquanto acontecem e permanecem em algum lugar do alcance mental para serem imediatamente ativados a uma mera visualização. Sabemos que o cérebro humano se constitui em fantástico armazenador de situações, fotos, eventos, encontros, enfim, vida pulsante em que pequenos, grandes agrupamentos acontecem e que, por vezes, constituem-se na própria razão de nosso viver. A fotografia, em especial, gentilmente acolhe esses registros e os guarda, para que sejam revividos diante da mera visualidade. Foi o que fizeram.

Costumeira é a escolha de uma cor. Uma cor que sirva de base para que as fotos tenham harmonia, além daquela que normalmente sobressai de quem combina um encontro passível de registro. Escolheram, então, o branco e preto. Atemporal e pano de fundo perfeito para as fotos. Na hora da finalização, contudo, ela optou por usar um sapato vermelho. Seguiu seu instinto, mas, passado o momento, perguntou-se: por que o sapato vermelho? O que quis dizer com a opção pelo sapato vermelho? O que precisa saber diante dessa escolha?



**Era incrível como ela necessitava
da sensação contínua de saída
dos padrões convencionais.**

Após parar e meditar sobre a questão, principalmente depois de ativar o estado mental ao deparar-se com tal fato, teve a impressão de que o sapato vermelho, no caso, era a grande metáfora da necessidade pessoal de transgressão. **Era incrível como ela necessitava da sensação contínua de saída dos padrões convencionais.** Como se fosse alimento constante para a nova mulher que respira e transpira desejo de viver intensamente, experimentando sensações nunca dantes vividas.

O sapato vermelho, sinalizava a mudança e a advertência da necessidade de ser cultivado o desejo de rompimento com as barreiras pessoais, familiares, sexuais, profissionais que por anos cumpriram seu papel amordaçador com maestria e, sem dúvida, conseguiram um estrago emocional de monta!

Aquela cor, o vermelho, representava a ordem de parar, quando a “zona de conforto” insiste em revisitá-la, programando-se para ficar e eternizar as decepções, frustrações, tristezas e mesmices.

O vermelho, tido como “cor do pecado”, “da sedução”, “paixão”, intenso como a vida que ora ela busca, era a simbologia perfeita para que ela jamais esquecesse que a única forma de continuar vivendo com qualidade, é seguir as novas bases pessoalmente estabelecidas. Aquele vermelho do sapato, em última análise, era o alerta, a sinalização de que esse era o caminho a ser percorrido.

A transgressão teria se tornado a alavanca propulsora de vida, um mote para existir profunda e intensamente. Acabara de descobrir. O vermelho do sapato. Inesquecível!

(Suzel Neves – 7/2/2022 – “O sapato vermelho” faz parte da coletânea “Pedacinhos de mim”, de autoria de Suzel Regine Neves de Mesquita, Magistrada Aposentada do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul)

SUZEL REGINE NEVES DE MESQUITA

Magistrada Aposentada do Tribunal de
Justiça do Rio Grande do Sul.



32

quero ser juíza

THIAGO TRISTAO DE LIMA

Mais uma tarde fria no interior gaúcho, com uma única audiência designada, considerando tratar-se de um processo complexo e sensível. Autos encadernados com vários volumes empilhados sobre a mesa, mas, antes de voltar para a audiência, cerne deste conto, necessário contextualizar os fatos para compreensão do leitor.

Tratava-se de um Procedimento Preparatório para Adoção de uma criança e uma adolescente (irmãs). A adolescente, que na audiência estava com 13 anos, havia passado grande parte da sua infância acolhida, assim como sua irmã, que tinha 8 anos, sendo que foram várias as tentativas de reinserção das mesmas no núcleo familiar biológico sem sucesso.

Feita essa síntese dos fatos, torna-se possível voltar para a audiência. Confirmada a presença dos atores dos sistemas de justiça, do casal que havia sido vinculado através do Sistema Nacional de Acolhimento e Adoção, da equipe técnica multidisciplinar e das irmãs. Aberta a solenidade, e durante as oitivas os técnicos falaram com ênfase que as irmãs queriam falar com o Juiz. Seria obrigação ouvir as irmãs se não fosse a peculiaridade de que elas sempre

ficaram em silêncio. Lembrando, ainda, que as irmãs eram resistentes à adoção e sempre tinham externado aos técnicos que gostariam de atingir a maioria no acolhimento para voltar a residir com a genitora biológica.

Chegou o ápice da audiência, ou seja, o momento de ouvir as irmãs. Primeiramente a mais nova demonstrou estar feliz com a possibilidade de iniciar vínculos com os pretendentes, que já conheciam e depois de alguns encontros já chamavam de pais. Antes de a adolescente poder falar, o magistrado inicia novo acolhimento, afinal aquela também era a primeira vez que ela seria ouvida. Pára um alguns instantes de silêncio na solenidade e a adolescente levanta a cabeça. **A atenção de todos volta-se para a adolescente**, que começa a verbalizar com uma voz firme o seguinte: “Quando eu crescer QUERO SER JUÍZA”.

Aquela fala soou com uma satisfação pessoal ao magistrado, pois todo o esforço na condução judicial do processo havia sido reconhecido pela adolescente. Contudo, logo veio o complemento da manifestação da adolescente: “Para não cometer a mesma injustiça que o senhor Juiz está fazendo comigo”. Houve silêncio na sala de audiência. Sua fala sincera atingiu profundamente o magistrado, mas, pelo exercício da função, não houve demonstração de emoção. Na sequência foi proferida decisão de início da convivência, ainda que sob protesto verbal da adolescente. O magistrado estava certo, diante de todos os fatos antecedentes, de que aquela seria a decisão correta.

A atenção de todos

voltou-se para a

adolescente [...]

Passado algum tempo após a audiência, o magistrado é promovido, mas o processo das irmãs não deixou de acompanhar. Transcorridos alguns meses, houve criação de vínculos e as irmãs estavam vinculadas no núcleo familiar pelos relatórios e pareceres, havendo a concretização da adoção, conforme informações posteriores do processo.

Não deixou de ser satisfatório o resultado do processo, que transformou a vida daquelas irmãs e pretendentes. **Quanto ao fato de a adolescente querer ser Juíza de Direito, fica a expectativa de que seu desejo ainda permaneça e venha a se concretizar**, pois ela vivenciou literalmente que a jurisdição tem o potencial de transformar positivamente vidas.

THIAGO TRISTÃO LIMA

Juiz de Direito - Tribunal de Justiça do
Estado do Rio Grande do Sul (TJRS).
Mestre em Direito e Poder Judiciário, pela
Escola de Formação e Aperfeiçoamento
de Magistrado (ENFAM).

33

retorno à cidade de **Cruz Alta**

UDA ROBERTA DOEDERLEIN SCHWARTZ

**Todas as expressões em entre
aspas são remissões à famosa
música “Terra Saudade”, de
Milton Magalhães, que traduz
a Lenda da Panelinha ([https://
www.lettas.mus.br/milton-
magalhaes/terra-saudade/](https://www.lettas.mus.br/milton-magalhaes/terra-saudade/)).*

Talvez só os cruz-altenses realmente entendam a ligação deste texto com a Lenda da Panelinha, pois foi escrito para demarcar um concreto retorno à cidade natal de Cruz Alta. Ele não poderia começar sem uma menção à Lenda da Panelinha, conhecida pelos que “em teu seio nasceram” e viveram. É que, voltando a morar em Cruz Alta pela segunda vez, desconfio ter bebido “a água da fonte, que carrega a Cruz da Paixão”.

Por se tratar de uma lenda, atrevo-me a interpretá-la: a metáfora da Lenda da Panelinha refere-se à existência comunitária que há em tal terra, rara em outras. Ora, não foi ““num chão cheio de vida, que nasceu essa terra querida”?”? Assim, quem bebe a água da Panelinha é aquele que vivencia esses laços comunitários, raros na modernidade líquida, em que os seres humanos são sozinhos, anônimos, dispersos. Por isso, sente-se uma forte saudade de Cruz Alta quando se vai embora, o que provoca os sucessivos retornos.

E, a cada retorno, renovam-se os laços, o amor aos amigos, o amor à família, o amor à “bendita fonte encantada”, àquela “alta cruz plantada” e à sua terra!

UDA ROBERTA DOEDER FIN SCHWARTZ

Juíza de Direito (TJRS), titular da 1ª Vara Cível de Esteio. Cruzaltense. Mãe da Vitória e da Marina. Mestre em Direito (UFRGS/CDEA). Bacharela em Filosofia (IMED).

34

meu colega ministro **Sanseverino**

VASCO DELLA GIUSTINA

Não há como se falar sobre o Ministro Paulo de Tarso Sanseverino, sem antes referir-se a seu pai. Conheci o prof. José Sperb Sanseverino nos idos de 1960, como grande parlamentar em nossa Assembleia Legislativa gaúcha. Posteriormente, como Juiz Federal, Procurador do Estado, diretor de nossa tradicional Faculdade de Direito, Provedor da Santa Casa de Misericórdia, professor universitário e amigo, sempre admirei o Prof. Sanseverino. Seu saber, sua devoção à família e à sociedade, sua religiosidade e retidão de caráter foram suas marcas. Nesse berço abençoado nasceu o Ministro Paulo de Tarso, crescendo sob esta sombra familiar, a que se refere o evangelista, quando prescreve que "arbor bona fructus bonos facit".

Estando eu convocado e atuando como Desembargador junto ao Superior Tribunal de Justiça, surgiu uma vaga para Ministro da classe dos Desembargadores. Lembro-me do reencontro com o então Desembargador Paulo de Tarso, candidatando-se àquele cargo. Por conhecê-lo, coloquei a seu dispor a estrutura do meu gabinete, proporcionando alguns contatos com os demais Ministros. Na época, embora tendo ocupado cátedras do STJ ilustres Desembargadores gaúchos, a tarefa a ser enfrentada pelo postulante não era

Será ele sempre lembrado

como magistrado

íntegro e eficiente,

dedicado à função,

aos jurisdicionados

e à sua família.

fácil, eis que no dizer de um Ministro do Supremo, que fora magistrado no STJ, o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul era um Tribunal “rebelde”.

Mesmo tendo se procurado amenizar aquela visão, o desafio era grande.

Inobstante tal, o Ministro Paulo foi ungido, mercê de seus atributos, com a escolha tríplice e posteriormente teve seu nome chancelado pelo Presidente, assumindo uma das cátedras. Estivemos juntos, por largo período, na jurisdição da 3.^a Turma (Direito Privado), ao lado de grandes magistrados, tendo ele se destacado pelo conhecimento, segurança, operosidade e dedicação integral a seu mister. A Justiça e o Tribunal de Justiça gaúcho muito se

orgulharam em ter um representante, como o Ministro Sanseverino. A par do trabalho como magistrado, sua pessoa sempre despertou muita admiração, justamente pelo relacionamento pessoal, marcado pela extrema cordialidade, com seus pares, advogados e servidores.

Relembro, ainda, quando ele, já adoentado, persistiu no trabalho até os últimos dias. Sua morte prematura foi lamentada profundamente por todos os que com ele conviveram e, em especial, pelo próprio STJ, cujos ministros, em sua quase totalidade, se deslocaram de Brasília a Porto Alegre, para render-lhe as últimas homenagens. Estas homenagens continuaram nas posteriores sessões de julgamento, onde os Ministros teceram elogios à sua conduta como colega, alguns deles em prantos, rememorando sua passagem pelo Tribunal. **Será ele sempre lembrado como magistrado íntegro e eficiente, dedicado à função, aos jurisdicionados e à sua família.**

VASCO DELLA GIUSTINA

Desembargador
aposentado TJRS

35

o Keko

WILSON RODYCZ

Sarrafo tinha quatorze, quinze anos e era corcunda de tão magro e sorria de boca fechada. Mais velho de uma penca de irmãos, trabalhava pra ajudar nas despesas da casa. Um fiscal gordo e de mau hálito lhe pusera o apelido, que pegara. Já tinha biscateado antes, mas essa era a primeira vez que trabalhava com carteira assinada. Carteira de menor. Salário de menor. Os cobradores usavam quepes, camisas brancas, que logo se tornavam marrons, de encardidas; além de cobrar as passagens, lidavam com as bagagens e os despachos. Era dezembro, fazia calor, os ônibus sempre lotados.

— Um passinho mais pra trás, por favor!

Com alguns outros, pernoitava na garagem da empresa, próxima da margem de um caudaloso rio de águas escuras; camas precárias, colchões de palha, travesseiros de paina, mas, cansados, eles dormiam como pedra; era mais fácil pegar o primeiro giro.

Naquela noite, perto das dez, Sarrafo e outros kekos que haviam retornado da última viagem, cada um de um destino, lanchavam no bar.

**A dor ensina a gemer, os
colegas mais antigos
faziam cachorro.**

— Hoje vai ter rifa da Cecília, aquela novinha, sabe a qual? Eu tenho dois números, te vendo um.

Eram a categoria mais baixa, ganhavam miséria, mas faziam sobrar algum. Já não precisava juntar baganas na rua. Idade de mudança de voz, das primeiras penugens sob o nariz, tempo de liberdades e descobertas. Ingênuo. Mas a zona era naquelas redondezas.

Por que não? Comprou. E ganhou. O custo do quarto não estava incluído, teve que pagar por fora. De cara, se identificou com ela, talvez por que compartilhassem sortes semelhantes, além de dentes cariados. Mas ela não era a cocote compreensiva que iniciou o David Niven no Balão da Lua.

— Cecília, quero ficar mais um pouquinho com você. Eu só fui ali na casinha, não me troque por esse aí!

Do enlevo ao engano foram poucos minutos, e Sarrafo se despeitou quando a garota mal terminou o programa com ele e já partiu para outro. Cecilia, you're breaking my heart...

Dia sim, dia não, Sarrafo tinha problema na prestação de contas. Faltava dinheiro. Ou ele lançava valores errados nos tickets, ou errava no troco, ou era roubado dentro do autocarro. Tinha que assinar vales para serem descontados do salário. **A dor ensina a gemer, os colegas mais antigos faziam cachorro.**

— Até onde o senhor vai? — perguntou ao passageiro recém-embarcado num ponto da estrada.

— Até ...

— Aqui está... são cinquenta Cruzeiros...

— Você escreveu que eu embarquei no Rio Bonito, mas eu embarquei antes, na Vila da Roseira...

— É assim mesmo.

**Destravado, o ônibus
começou a andar
de ré.**

— Mas você escreveu quarenta... Então só vou pagar quarenta.

— É cinquenta!

Se prevenia... Caso o fiscal entrasse de surpresa no ônibus e fosse perguntar aos passageiros, estaria frito.

— A coisa que eu mais detesto neste emprego é faxinar – os kekos conversavam.

Em mais um final de viagem, Sarrafo apanhou vassoura, espanador, panos, balde, encheu de água, adicionou grande quantidade de Rinso e entrou no veículo de quarenta e dois assentos.

A próxima viagem ia demorar, os mecânicos faziam a revisão. A frente do veículo estava erguida numa rampa, eles trabalhavam em baixo, afrouxando, apertando, engraxando, substituindo peças. De repente, ouviram-se gritos dos borracheiros, dos soldadores, dos artesãos da costura, de todo mundo. **Destravado, o ônibus começou a andar de ré.** Um dos mecânicos não conseguiu escapar e teve as pernas esmagadas. O veículo prosseguiu o seu curso, ganhou velocidade na ribanceira e foi parar dentro do rio e começou a afundar.

— Acudam! o keko vai se afogar!

— O que foi que você fez? Você mexeu nas alavancas?

WILSON RODYCZ

Desembargador
aposentado do TJRS.



EXPEDIENTE

Organização: Daniel Neves Pereira, Ícaro Carvalho de Bem Osorio, Samyra Remzetti Bernardi.

Produção: Josué Borges Brito | Relações-públicas (REG-4024)

Revisão: Simone Ceré | Jornalista (MTB/RS nº 7813)

Projeto Gráfico e diagramação: Design de Maria

Ilustrações: Paulo Mateus, por Design de Maria

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

32° caderno de literatura : ressignificar,
repensar, recriar. -- Porto Alegre, RS :
Ajuris, 2023.

Vários autores.
ISBN 978-65-992702-6-0

1. Poesia brasileira - Coletâneas.

23-174448

CDD-B869.108

Índices para catálogo sistemático:

1. Antologia : Poesia : Literatura brasileira
B869.108

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Este livro foi impresso nas fontes Cormorant Garamon, Alverata e Effra. Impresso no papel Polen 80g/m² e Cartão 300g/m² na Gráfica Odisséia.

ISBN: 978-65-992702-6-0

CDL





9 786599 270260

Sim! Já somos mais de 7 milhões de associados. 7 milhões de pessoas, contando com o nosso atendimento próximo e com a nossa parceria para realizar seus sonhos, prosperar e desenvolver as suas comunidades. Vamos juntos crescer ainda mais?

7 milhões

de associados

Rua Celeste Gobbato, 81 - 3º andar
Praia de Belas - Porto Alegre - RS
Fones: (51) 3286.8328 | 3286.7116

 [sicediajuris](#)
 [SicrediAjurisRS](#)
[sicredi.com.br](#)



ISBN: 978-65-992702-6-0

CBL



9 786599 270260